Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 287
Mês: Janeiro
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

Nélida, saudade imortal

Morre, aos 85 anos, a acadêmica e escritora Nélida Piñon. Foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras e uma escritora brasileira de realce internacional. O seu último romance, *Um Dia Chegarei a Sagres*, fez muito sucesso, como os seus 20 livros anteriores. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

JL digital
ACESSE:
www.
jornaldeletras.
com.br

Editorial

Com muita tristeza, registramos o falecimento, em Portugal, da nossa querida amiga Nélida Piñon. Foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras e uma escritora brasileira de realce internacional. O seu último romance, *Um Dia Chegarei a Sagres*, fez muito sucesso, como os seus 20 livros anteriores, todos muito bem escritos. Em vida, ela doou seus 8 mil livros e documentos ao Instituto Cervantes, que funciona no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo. Foi uma guerreira de primeira qualidade, lutando pelas nossas liberdades e os direitos humanos. Será sempre lembrada com muito carinho e respeito. O seu corpo foi guardado no mausoléu da ABL, onde já se encontrava o da sua querida mãe, D. Carmen.

O editor

Anna Bentes Bloch com Ida e Cláudio Lottenberg, presidente da CONIB – Confederação Israelita do Brasil – na sua Convenção Nacional, quando Anna dedicou à CONIB a nova edição do livro do seu pai Abraham Ramiro Bentes, *Das Ruínas de Jerusalém à Verdejante Amazônia*, sob o olhar de Arnaldo Niskier, e realizado pela Editora Consultor.

Expediente

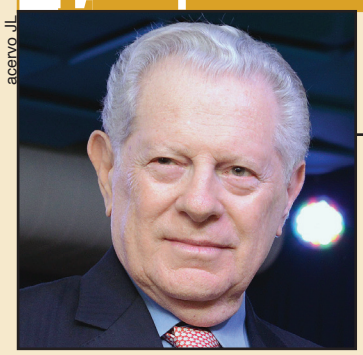
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier



acervo JL

O novo Ensino Médio

Nos países desenvolvidos, há uma clara valorização do ensino técnico-profissional. Nem todas as atividades necessitam de profissionais de nível superior. Muitas se bastam em nível médio. Podemos citar o exemplo do que vimos no estado de Israel, em visita feita à escola Aron Singalovsky, em Tel Aviv. Dos seus 5 mil alunos, só 1/3 ascendiam ao nível superior. Todos os demais alunos, com uma profissão final de nível intermediário, eram empregados tranquilamente em atividades igualmente nobres e bem remuneradas, especialmente nos campos da robótica e da informática. Assim ajudavam o desenvolvimento do país.

Estamos diante de um novo ensino médio, que começará a ser aplicado em 2023. Com uma série de desafios, a começar pelo fato de que as matérias passarão a ser agrupadas por áreas de conhecimento. As matrizes do conhecimento serão as seguintes: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e ciências humanas e sociais aplicadas. As matérias atuais serão mantidas, mas somente língua portuguesa e matemática serão obrigatórias nos três anos do ensino médio.

Uma das principais inovações é em relação aos itinerários formativos, conjuntos de aulas e atividades oferecidas pela escola. Depois de três anos, os alunos receberão certificados do ensino médio e do curso técnico ou profissionalizante que escolheu. As áreas do conhecimento, no limite máximo de 1.800 horas totais nos seus três anos, serão complementadas pelos itinerários formativos, que ocuparão os 40% restantes, totalizando 1.200 horas, oferecidos no contraturno.

Nesse processo de desburocratização do ensino médio, haverá novas disciplinas, como empreendedorismo social, direito, cidadania e mecatrônica, além de oficinas de ESG (Governança Ambiental, Social e Corporativa), meio ambiente, digital, matrizes energéticas e sustentabilidade, entre outras. Tudo isso sem esquecer novas atividades em laboratórios e oficinas, necessários mais do que nunca.

Assim se pretende tornar as aulas mais atrativas. Os alunos poderão decidir sobre os seus projetos de vida, o que antes não era permitido. Surgem novidades como escritas criativas e matemática olímpica; oratória; robótica e *academic options* (quatro disciplinas que os alunos escolhem dentro de um leque de possibilidades).

Um bom ensino oferece projetos de pesquisa, oficinas de artes, audiovisual, teatro, música, dança, robótica e ativismo, além de uma segura orientação profissional. Como se vê, saímos de uma educação generalista para algo bem concreto, como nunca se viu. São novos tempos.

"O declínio da literatura indica o declínio de uma nação."

Goethe

"A nossa relação com o tempo fundamenta o modo como nos posicionamos na vida em comunidade."

Sandra Niskier Flanzer

A viagem da saudade

Por Gabriel Chalita*

Foi minha filha que me disse. E foi com ela que sonhei um sonho despertador de memórias.

Era um dia de escola, dia de professora iluminada criar espaços para florescimentos. Disse minha filha que ela contou uma história e, na história, havia uma viagem no tempo. E o tempo da visitação dos viajantes era decidido pelos próprios viajantes.

Cada aluno foi desfilando seus sonhos de um passado que só conheceram pelas imagens derramadas de outros viajantes há mais tempo. "Mamãe, eu viajaria no tempo em que minha avó ainda estava aqui. Você diz tanta beleza sobre ela. Eu queria ter conhecido." Meus olhos emprestaram lágrimas para que minha alma dissesse a emoção. E disse. Chorei abraçando Ana e agradecendo o existir com ela.

Minha mãe se foi três meses antes do seu nascimento. Em pouco tempo, experimentei o tempo da dor e da alegria, da partida e da chegada. No parto, estava só. O pai de Ana nunca esteve. Dia desses, perguntou se eu tinha raiva. Raiva não, tenho pena. Pena dos desperdícios. Nada viu ele da filha. O primeiro cair, o levantar, o engatinhar, o desenhar o belo tão puro contemplado por olhos sem as sujeiras do tempo.

Conheci pouco meu pai. Só lembro o corpo velado na sala – era assim antigamente. Foi quando aprendi a dor. Lembro o choro da minha mãe. As minhas irmãs mais velhas servindo água e café aos conversadores. Lembro o caixão sendo fechado e a procissão lenta para devolver à terra o corpo de meu pai, do pai que não pôde brincar comigo. Diferentemente do pai de Ana, morto por escolha.

Não luto contra o luto. Luto contra minha indisposição de lutar. Quem ama compreende o tempo do luto como um tempo de espera e um tempo de ação. Nem que seja no mundo que mora dentro. O mundo que mora fora pode aguardar.

Ana desfila vida na minha vida. Não sou, entretanto, aguardadora de desfechos decididos por mim. Compreendi, desde cedo, que a dor se cura vivendo e que a vida é percurso de cada um. Só espero de minha filha que seja boa. Consigo mesma e com os outros. Que suas escolhas sejam generosas. Temo os exageros, os descompassos entre o pensar e o sentir, as portas trancadas para o amor.

Viajar para o tempo de minha mãe foi um presente que ela me deu. Quisera eu ter esta fotografia. Minha mãe, eu e minha filha. Talvez tenha. Os tempos, sabemos pouco deles. No mistério do amor, damos vida a vidas que nossos olhos não podem ver. Talvez possam. Basta fecharmos. Basta abrirmos.

Sobre o sonho que tive dormindo, não é diferente do que sonho acordada. O fio que me prende à frágil vida é o forte fio do amor. É nele que me fio para educar minha filha e a mim mesma. Para trabalhar e para sorrir de circunstâncias simples do meu cotidiano. Se eu pudesse viajar, a viagem da saudade viajaria para onde estou agora. Agora, onde a memória de tantos tempos jorra amor em mim.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Dafne

Por Danilo Gomes*

Abro a porta. É de noite. É uma porta antiga, com chavão do século XIX, do tempo em que o frufru dos vestidos das sinhás e sinhazinhas recendia na noite o perfume de suas águas de cheiro. É um quarto escuro, penumbroso. É um quarto vedado, um aposento defeso aos olhares de estranhos.

Eu não devia abrir essa porta. Mas abro essa porta, devasso esse espaço onde o tempo se congelou. Que mistério cerca esse aposento? Encontro uma penumbra, um leve aroma de alfazema e resedá. O que ali se esconde aos olhos do menino? Penetro apenas dois passos, levemente, nesse sacrário familiar. Sou um menino curioso, na fazenda, em férias. Viemos de trem de ferro, apeamos na estação de Gesteira, seguimos a cavalo, em trote manso, até a fazenda.

Há uma mulher sentada numa cadeira, de costas para mim. Tenho medo, é um território proibido. Há tanto lugar para percorrer, vadiando: a grande cozinha, a fábrica de queijos, doces e linguiças, o monjolo, o curral, o terreiro com seus carros de boi e galinhas e patos, o paiol, o engenho, o pasto.

O menino não devia andar por ali, naqueles umbrais de mistério. Tenho medo. Meninos não podem entrar ali, é quase um reino dos mortos. Mas sou curioso: o mistério e a aventura me atraem.

Ela tem cabelos brancos, um toque de dama antiga. A cadeira é grande e tem braços. Um xale negro cobre os ombros da velha senhora. Nesse quarto da Fazenda São José, no município de Mariana, só entram o mais estrito grupo familiar e as empregadas antigas, de confiança.

A velha senhora é uma mulher reclusa, não vai às salas, às rodas de visitantes, ao teatro dos vivos. No seu oratório, ardem velas aos santos, aos mortos da família em suas amareladas fotos, ao passado a cada dia mais distante. Dafne. Quando tinha esse nome era moça e bela – uns braços de alabastro, o rosto delicado, de uma beleza etérea, apaixonante. Dafne com seus olhos de mel, de caramelo claro. Seu grande amor casou-se com outra mulher, sua prima, em 1880. Seu piano emudeceu para sempre. Nunca mais valsas vienenses, nunca mais Chopin. Dafne, a que começou a morrer de paixão em 1880, ali estava ainda, tantos e tantos anos depois, de costas para mim, na penumbra, enquanto ardiam os círios em seu oratório barroco. Dafne era agora Sinhá Nicota, doente, praticamente entrevada, despojada de todo o esplendor da juventude, esperando, na cadeira, a visita da Descarnada com sua foice. Só, no seu silêncio e melancolia.

O menino nunca lhe veria o rosto. Seria para sempre uma miragem, a mulher proibida, quase uma lenda, quase um fantasma do passado. O oratório, o silêncio, o tempo escoado em que fora Dafne, a graciosa, uma senhorita de Renoir, o bonito nariz, o ventre para sempre intocado, a moça dos minuetos, das polcas, das valsas, a finada esperança. Agora espera a Indesejada, no claro-escuro daquele quarto. Em breve, a Velha Dama virá buscar a velha senhora.

Ela contempla o vazio, já sem nenhum desejo. Quer partir, numa cavalgada como as da juventude.

Quem é essa mulher, Dafne? Jamais saberia, nunca lhe veria o rosto. O menino no pórtico do quarto secreto, onde se sente, em certos dias, um olor de incenso aos santos e aos mortos da família, um delicioso olor de resinas, carvão, arruda, cânfora. Esse quarto, nave perdida no tempo. Dafne, sinhá Nicota, sentada numa mansuetude trágica e comovente como um desesperado amor perdido, no seu perpétuo silêncio, na sua escondida e apagada solidão, a moça linda de 1880, na sua charrete pelos campos e pradarias ensolaradas, com seu florido chapéu de palha.

O lampião de querosene lhe lançava, sobre os cabelos brancos, luzes de prata que, aos olhos do menino, encantavam e assustavam. A velha dama lhe dava um medo mesclado com o maravilhamento do desconhecido, do que vem de um tempo antigo e para sempre morto, naquela antiga fazenda. A velha senhora era um enigma, um espectro do século anterior, uma miragem proibida, mas ao mesmo tempo Dafne, a moça.

Vozes agudas vinham do corredor. Com receio de que alguém o visse ali, naquela cela leiga, não sacramental, o menino saiu e foi fechando a porta, devagar. Lançou-lhe um último olhar. Nunca mais a veria. Dela não mais restou notícia ou registro. Não sei quando a Descarnada apagou, finalmente, a baça luz daquele lampião de querosene, o lume daquelas velas, o braseiro daquele incenso de capela antiga. Deve ter sido com um leve sopro, na maior delicadeza, no silêncio, na penumbra.

Dafne, para sempre adeus.

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras e da Academia Brasiliense de Letras.

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ *Pedro I – Compositor inesperado* (Ed. Batel), com concepção e organização do musicólogo Ricardo Cravo Albin, propõe uma abordagem da figura do imperador Pedro I em três facetas: compositor, homem de família e político.

◉ Com um concorrido jantar na Cantina Fiorentina, no Leme, foi entregue o Grande Prêmio PEN Clube 2022 à historiadora Mary Del Priore, considerada a mais importante no Bicentenário da independência do Brasil.

◉ Reeditada com selo da Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, *Os Lusíadas*, obra escrita pelo abolicionista Camões há 150 anos, foi relançada.

◉ Organizado por Izabel Noronha, bisneta do construtor do Cristo Redentor, o livro *O Cristo no Rio* (Ed. Bazar do Tempo), de Heitor da Silva Costa, traz textos e publicações da época, além de mais de 200 imagens.

◉ Com depoimentos de grandes amigos e parceiros de atuação, como a acadêmica Fernanda Montenegro, tornou-se um sucesso de vendas a autobiografia do ator Luiz Fernando Guimarães, lançado pela Globo Livros.

◉ Intitulada *Por Quem as Panelas Batem*, Antonio Prata, colunista da Folha de S. Paulo, lançou, pela Companhia das Letras, sua coletânea de textos publicados no jornal de junho de 2013 a fins de 2021.

◉ A escritora Marcela Guimarães Neves lançou seu primeiro romance. *A Noiva de Paris* saiu com o selo da Editora Pedregulho.

◉ Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil (Editora AML), de Agenor Gomes, lança luz sobre a homenageada da Flip 2022, maranhense negra, nascida no século XIX, que teve a literatura como aliada na causa abolicionista.

◉ A sommelière brasileira Francesca Sanci se uniu aos designers Alexandre Lucas e Renata Steffen e lançou *O Livro da Cerveja* (Intrínseca), um guia essencial para apreciadores da bebida.

◉ *Em Coach de Fracassos* (Ed. Bestseller), Júlio Peixoto questiona a relação dos leitores com a meritocracia, introduzindo o processo de humanização das falhas.

◉ Nas reminiscências que compõem o volume *Sonhei com o Anjo da Guarda o Resto da Noite* (Ed. Todavia), Ricardo Aleixo conduz o leitor pelas memórias de sua vida.

◉ Depois de produzir um quadrinho sobre a velhice, o espanhol Paco Roca narra a infância da mãe em *Regresso ao Éden*, com tradução de Jana Bianchi para a Editora Devir.

◉ Eleito pela revista *Time* um dos melhores romances em língua inglesa dos últimos oitenta anos, *O Coração é um Caçador Solitário*, da americana Carson McCullers, ganhou nova edição pela Ed. Carambaia, traduzido por Rosaura Eichenberg.

◉ *O Bom Enfermeiro* (Intrínseca), do jornalista investigativo norte-americano Charles Graeber, oferece um panorama do sistema de saúde ao contar a história do serial killer Charlie Cullen.

◉ Depois de conquistar os leitores com a história de Mateo e Rufus em *Os Dois Morrem no Final*, Adam Silvera retorna ao universo de seu best-seller com a obra *O Primeiro a Morrer no Final* (Intrínseca).

◉ *Em Sombras do Sul* (Galera Record), sequência de *Luzes do Norte*, Giu Domingues entrega mais um romance no qual as escolhas que fazemos podem mudar o rumo da história.

◉ *O Amor que Partiu o Mundo*, romance de Emily Henry (autora do best-seller *Leitura de Verão*) ganhou tradução de Larissa Helena para a Harper Collins.

◉ No romance *No Canto dos Ladinos* (Todavia), o baiano radicado no Rio Quito Ribeiro oferece um painel singular da população negra, ainda sujeita ao preconceito e à ofensa.

◉ *A Segunda Espada: Uma história de maio* (Estação Liberdade, com tradução de Luis S. Krausz) é a primeira publicação literária de Peter Handke após receber o Prêmio Nobel de Literatura 2019.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

ENQUANTO ISSO, NO PLANETA DOS ANIMAIS...

◉ *Confiança* (Ed. Intrínseca), de Hernan Diaz, segundo romance do autor argentino finalista do Pulitzer, explora um embate de narrativas em torno da trajetória de um casal milionário em Nova York.

◉ *Desenhos Ocultos* (Intrínseca), com texto do ex-publisher Jason Rekulak e ilustrações assinadas pela dupla Doogie Horner e Will Staehle, proporciona uma experiência literária assustadora.

◉ Condensando em uma novela toda a expressividade de seus grandes romances, *Memórias do Subsolo*, marco não apenas na trajetória de Dostoiévski, como na própria literatura universal, ganhou edição da Todavia com ensaio de Tzvetan Todorov e tradução de Irineu Perpétuo.

◉ Em novo livro intitulado *A Pedra da Loucura* (Ed. Todavia), Benjamín Labatut, autor do cultuado *Quando Deixamos de Entender o Mundo*, fala sobre as recentes mudanças no comportamento humano.

◉ *Habitar as Trevas* (Ed. Nós) traz o que a memória do médico francês Fred Sedel (1909-1991) pôde guardar e recriar em palavras do pesadelo vivido nos campos nazistas.

◉ *O Litoral das Sirtes*, romance considerado unanimemente a obra-prima de Julien Gracq (1910-2007), um dos principais e mais discretos escritores franceses do século XX, volta às estantes brasileiras em nova edição pela Carambaia.

◉ Publicado pela primeira vez em 1977 e recém-lançado na coleção Ilimitada, *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, traz posfácio de Jayme Costa Pinto, além de uma entrevista inédita com o autor e um parecer do crítico literário Antonio Candido.

◉ *Sobreviva à Noite* (Alta Novel), novo romance do autor best-seller Riley Sager, conta a história de um serial killer numa universidade americana.

◉ O thriller psicológico *A Conspiração de Forty Acres*, suspense do autor e roteirista Dwayne Alexander Smith, recém-lançado no Brasil pela Alta Novel, ganhará adaptação da Netflix.

◉ *A Filha do Presidente*, parceria entre o ex-presidente Bill Clinton e o autor best-seller James Patterson, ganhou tradução de Angelo Lessa para a Editora Record, com 602 páginas.

◉ À venda no Brasil, pela editora Belas Letras, com 1.200 páginas, um dos livros sobre os Beatles mais aclamados pelos fãs da banda no mundo inteiro, *The Beatles Tune in – Todos esses anos*, do biógrafo Mark Lewisohn. A obra chegou numa caixa com dois volumes, em capa dura e com acabamento especial, que inclui quatro miniquadros dos integrantes dos Beatles e quatro marcadores de página.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Audiência cancelada

"Inês foi à Câmara falar com o vereador da cidade."

Exerceu sua cidadania, mas poderia evitar o **pleonasmo**. Se André procurou o **vereador** (cargo eletivo municipal), só pode ser da **cidade** (município).

Frase correta: "Inês foi à Câmara falar com o vereador."

Padaria prejudicada

"Aurélio queria aumentar a faixada da sua padaria, mas o arquiteto achou melhor deixar como está."

Não vai conseguir o que deseja. A palavra **fachada** está escrita de forma errada.

Frase correta: "Aurélio queria aumentar a **fachada** da sua padaria, mas o arquiteto achou melhor deixar como está."

Palavras homófonas

As palavras **sessão**, **cessão** e **seção** são **homófonas**, ou seja, são pronunciadas da mesma forma, mas têm escrita e significados diferentes. Veja:

Sessão – significa o intervalo de tempo que dura alguma coisa, como uma reunião, uma assembleia, uma consulta, um espetáculo, uma apresentação ou qualquer outra atividade. Ex.: Vamos assistir à próxima sessão do filme?

Cessão – significa o ato de ceder, de dar, de transferir um direito ou um bem, sendo sinônimo de cedência, entrega e concessão. Pode significar também uma renúncia ou desistência, bem como um empréstimo. Ex.: A biblioteca cancelou a cessão dos livros por tempo indeterminado.

Seção – significa uma parte de um todo, ou seja, uma fração, um segmento, uma subdivisão. Pode significar ainda uma repartição de um serviço público ou privado, sendo também sinônima de repartição, departamento e setor. Ex.: Como posso saber qual é a minha seção eleitoral?

Saldo devedor

"Jandira disse que em breve irá saudar suas dívidas."

Vai continuar devendo...

A palavra **saudar** está mal-empregada no contexto da frase. Veja:

Saudar – ato de cumprimentar, felicitar, dar boas-vindas a alguém.

Saldar – ato de complementar o pagamento total de uma conta, pagamento de parcela.

Frase correta: "Jandira disse que em breve irá **saldar** suas dívidas."

Xingamento

"Cecília chamou a vizinha de mocréia, mas ela nem ligou."

Nem poderia se incomodar. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, não se usa mais acento em ditongos abertos **éi** e **ói**, nas palavras paroxítonas. Frase correta: "Cecília chamou a vizinha de **mocreia**, mas ela nem ligou."

Politicagem

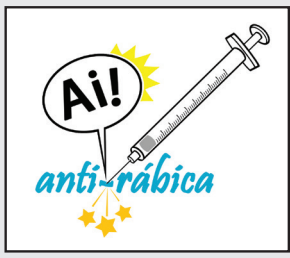
"Lisandra cobrou do deputado maior transparência no seu mandado."

Não pode cobrar nada, escrevendo dessa maneira.

Veja a diferença: **mandado** – ordem judicial; **mandato** – período de um governo.

Frase correta: "Lisandra cobrou do deputado maior transparência no seu **mandato**."

Vacina dolorida



"Cláudia foi mordida por um cão de rua, foi preciso tomar a vacina anti-rábica."

Não vai surtir efeito. Segundo o Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, quando o prefixo termina em **vogal** e o segundo elemento começa com **s** ou **r**, consoantes passam a ser duplicadas. Ex.: ante**ss**ala, anti**ss**ocial, auto**rr**eflexivo, auto**rr**egulamentação, ultra**ss**om, supra**rr**enal etc. Frase correta: "Cláudia foi mordida por um cão de rua, foi preciso tomar a vacina **antirrábica**."

Musculatura dolorida

"Flávia correu a meia maratona e terminou com muitas câimbras."

Câibra ou **câimbra**?

Tanto faz! Ambas as formas são corretas e constam do Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

De pé, em pé

A pé denota ação de deslocar-se para determinado local sem nenhum tipo de veículo.

Ex.: "Ele anda **a pé** todos os dias de casa para o trabalho."

De pé se refere ao fato de firmar, continuar, manter-se.

Ex.: "Nossa viagem no final de semana está **de pé**?"

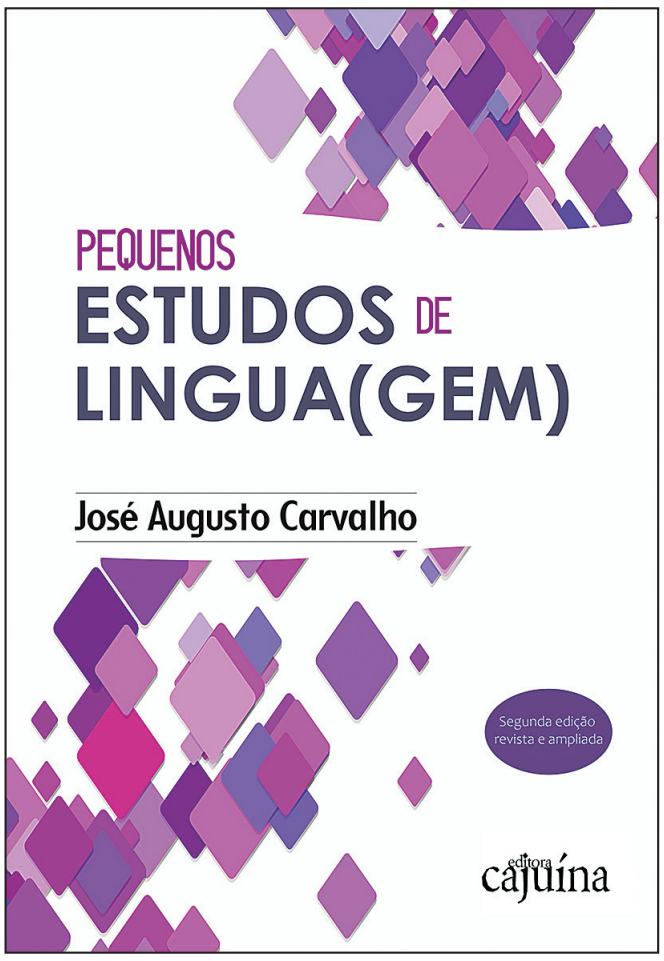
Em pé refere-se ao ato de encontra-se ereto, sobre os próprios pés.

Ex.: "O bebê conseguiu ficar **em pé** sozinho."

Linguagem neutra

Por José Augusto Carvalho*

No meu último livro *Pequenos Estudos de Língua(gem)* (2.ed. São Paulo: Opção, 2021), tentei mostrar, de maneira sutil, que os que advogam uma linguagem neutra, como "querides alunes", em que o feminino e o masculino se fundem numa desinência única, partem de um equívoco – confusão entre gênero e sexo – e do desconhecimento da própria língua – a formação do masculino em português a que acresceu o neutro latino. Na verdade, o equívoco talvez se tenha originado do colonialismo cultural a que se submetem os falantes do acroleto (dialeto da classe social mais elevada) que utilizam como sinônimos gênero e sexo, à semelhança do inglês *gender*. Gênero é distinção gramatical. Sexo é distinção semântica. Há palavras masculinas que designam tanto pessoas do sexo masculino quanto pessoas do sexo feminino, variando apenas o artigo, como artista, selvagem, atleta, pianista; e há palavras femininas que designam pessoas tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, como criança, vítima, testemunha. E há palavras masculinas que designam tanto homens quanto mulheres, como cônjuge, indivíduo, apóstolo. E há palavras masculinas que designam pessoas do sexo feminino, como mulherão, por exemplo, que designa uma mulher exuberante. As gramáticas deveriam estudar o gênero em português não como masculino e feminino, mas como gênero não marcado e gênero marcado. Apenas o gênero feminino é marcado em português. O masculino não tem marca. Sei que Deus é masculino porque não tem a marca do feminino. Deusa é feminino porque tem a marca {-a} do feminino. Se numa sala há cem mulheres e um único homem, a concordância se faz no masculino, que não tem a marca gramatical do gênero. Não à toa pronomes como isso, aquilo, tudo, ninguém, quem, etc. exigem concordância no masculino porque não têm gênero.



Acredito que essa ideia da linguagem neutra seja uma inovação dos que constituem a comunidade LGBTQA+ que querem impor um jeito de falar diferente, na presunção ilegítima de que nossa língua os estigmatiza com a predominância do masculino na concordância nominal.

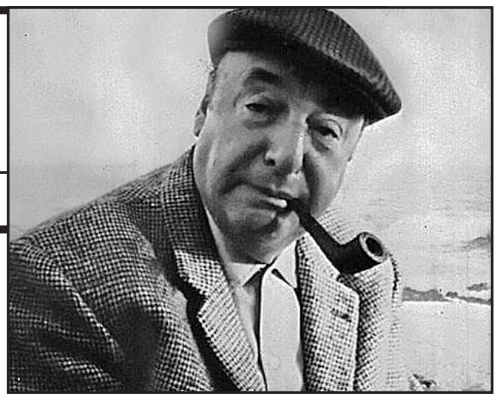
Quando se diz que "todo homem é mortal", a palavra homem aí não designa ninguém do sexo masculino e ainda menos um indivíduo. Homem está aí para designar o ser humano, incluindo a mulher, por óbvio. Quando disse que o sertanejo é antes de tudo um forte, Euclides da Cunha se referia também à mulher sertaneja. Os que falam em "todos os brasileiros" e "todas as brasileiras" ignoram que "todos" inclui já, em sua significação, tanto o masculino quanto o feminino. O masculino em português é termo genérico que inclui o feminino em sua significação.

Em outras palavras, tentar subverter a língua portuguesa para impor um ponto de vista é um esforço talvez persistente por algum tempo, mas cedo se revelará inútil por lhe faltar vitalidade, historicidade, padronização e autonomia, parâmetros indispensáveis à conceituação e à fundamentação de uma língua.

*José Augusto Carvalho é doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Neruda

Por Raquel Naveira*



Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque preciso de ajuda,
Poderias me enviar da Ilha Negra
Um punhado de peixes cintilantes,
Um sopro de vento salgado,
O som dos sinos
De quem entra
Em teu jardim?

Neruda,
Escrevo-te esta carta,
Acode-me,
Assim como cantaste
Os rios da América:
O Amazonas,
O Orinoco,
Artérias nas cordilheiras
Onde a neve
Desliza úmida
E as rosas explodem selvagens,
Cantei minha terra
Cheia de pássaros e pantanais,
Tiritei de frio
Sob os astros siderais.

Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque tudo muda a cada dia,
Menos o dever do poeta
De levar sonho,
Luz e noite,
Razão e desvario
No meio das revoluções que eclodem
Em sangue
E fogo sombrio.

Neruda,
Escrevo-te esta carta,
A face sisuda,
Perdi amigos
Como também perdeste:
Federico, o inventor de estrelas,
Éluard, o camarada francês,
E Gabriela Mistral,
A amada filha dos joios,
Que tremulavam amarelos
Entre pedras e canais.

Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque estou triste
E posso escrever versos tristes esta noite,
Não desgruda de mim essa névoa,
Essa mágoa
Como a que borrifava
Tuas carrancas de proa
Nos oceanos perdidos.

Estou acorrentada
Na minha Ilha Negra,
Entre livros,
Jacarés,
Cristais partidos,
Fragmentos de lembranças.

No peito
Bate o coração
Como um relógio sufocado na areia;
Armada até os dentes
De uma ardente paciência,
Entrarei nas esplêndidas cidades,
Assim profetizou Rimbaud
E sei em que tenho crido:
No pão que amasso
Com minhas mãos,
Meu espírito,
Minha respiração,
Pois nada foi esquecido.

Escrevo-te esta carta Neruda,
Na luta pela felicidade,
Na fé que se exercita
Por longos anos
De amor indelével
Pelo ofício.

Aguardo resposta,
Uma letra
Que venha
Como um navio numa garrafa,
Como o fantasma de uma casa,
O vibrar de uma onda
Ou o toque de uma asa de gaivota.

Aguardo Neruda,
Sou devota,
Inclino-me atenta ao silvo da poesia,
Sacerdotisa dedicada
A uma absurda liturgia.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Andejo

Por José Eduardo Coelho*

Pela estrada vem a boiada com o tropeiro
a soprar o berrante na nuvem de pó no vaguear da madrugada.
Ele, com a chibata flexível e longa, fustiga o gado que muge indisposto sob a luminosidade da lua cheia.

Para na lagoa para o gado descansar
e repõe água no cantil de lona (pano grosso);
mais à frente pequena venda, (secos e molhados);
proprietário: humilde leigo religioso
que permanentemente mantém na loja
um crucifixo com candeia acesa e azeite,
iluminando a presença de Cristo.

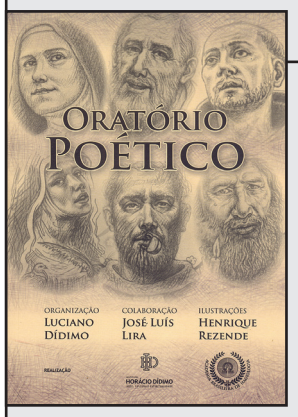
No primeiro domingo de cada mês, às 8 horas,
com quatro forquilhas, pequeno varão entre elas
e duas tábuas na vertical,
simula um altar, repondo o crucificado Jesus.
O Acólito, vindo de jardineira da pequenina cidade
traz a Âmbula com hóstias.

*José Eduardo Coelho – Americana.

JL Livros e Autores

por Manoela Ferrari
manoela.ferrari@gmail.com

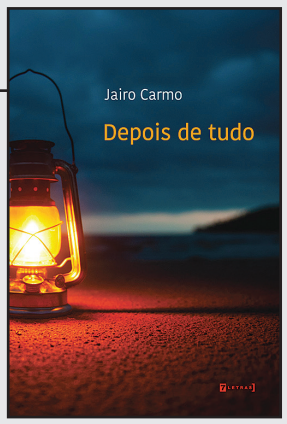
Oratório Poético



A coletânea *Oratório Poético* (Fortaleza, 2022), fruto da parceria do Instituto Horácio Dídimo de Arte, Cultura e Espiritualidade com a Academia Brasileira de Hagiologia contempla santos canonizados, beatos, servos de Deus e pessoas com fama de santidade. São mais de 80 poetas reunidos que, por intermédio de seus versos inspirados – em escritas de tom hagiográficos – levam o leitor à sensação de transcendência, ao final das 140 páginas da obra. Como afirma o poeta Bruno Paulino, no posfácio: "Ao ler cada um dos poemas é como se tivéssemos frente a frente com os santos, numa conversa intimista, repleta de ensinamentos divinos, venerando-os. É quase uma conversa ao pé do ouvido – em que podemos sentir, de novo e fortemente, a intercessão do sagrado em nossa vida."

A coletânea, organizada pelo escritor Luciano Dídimo, com a colaboração de José Luís Lira (Fundador e Presidente de Honra da Academia Brasileira de Hagiologia), tem ilustrações de Henrique Rezende. Lira, autor do prefácio, cita Sua Santidade o Papa Bento XVI para resumir a proposta da coletânea: "Na comunhão dos Santos, canonizados ou não, que a Igreja vive graças a Cristo em todos os seus membros, nos beneficiamos da sua presença e da sua companhia e cultivamos a firme esperança de poder imitar o seu caminho e partilhar um dia a mesma vida bem-aventurada, a vida eterna."

Depois de Tudo

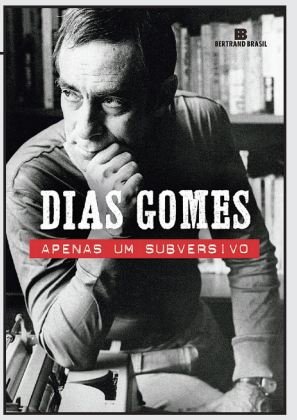


Depois de tudo (Ed. 7 Letras, 2022), quinto livro do escritor Jairo Carmo, reúne 14 estórias que, juntas, atestam a vocação do autor à concisão narrativa – uma das marcas do conto.

A soma das qualidades literárias do bem elaborado texto resulta, como observa Jonatan Silva na orelha, num "livro esculpido" por aquele que é um "escritor-artesão". Com a mesma maestria com que fabula, Carmo experimenta diferentes formas de narrativas. Da mesma forma com que mistura invenção e memória nos dois contos que abrem a coletânea, no texto seguinte, a trama fica no limiar entre a ficção e a crônica.

Jairo Carmo nasceu em Monte Alegre (PA), em 1953. Dedicou-se à advocacia e à magistratura, tendo sido juiz de Direito no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ). É membro da Academia Brasileira de Letras da Magistratura (ABLM) e professor de Direito Civil. Estreou na literatura com *Balaio de Dois* (Imprimatur, 2013). É autor de: *Amores Subversivos* (2014), *Histórias Inverossímeis* (2015), *O Cão do Teu Olhar* (2018) e *Depois de Tudo* (2022), todos editados pela 7 Letras. Foi premiado pela Academia Paraense de Letras pelo texto teatral Nu e o conto Abaporu, do seu novo livro, foi laureado pela Academia Fluminense de Letras (AFL).

Apenas um Subversivo



Em *Apenas um Subversivo* (Ed. Record, 2022), Dias Gomes apresenta seu lado família, sua relação com a política, sua vida nos bastidores do teatro, do rádio e da televisão. Narra desde os tempos da Bahia, sua terra natal, a vinda para o Rio de Janeiro, a temporada em São Paulo, passando pela ditadura militar e os anos subsequentes. Conta detalhes da proibição da novela Roque Santeiro em 1975, que só seria exibida em nova versão dez anos depois. E narra episódios particularmente duros, como a perda do filho.

Marcado pelo humor e pela ironia, a obra tem um tom descontraído. O título foi dado em referência irônica ao xingamento recebido quando sua peça O berço do herói foi censurada por Carlos Lacerda, em 1965, por pressão dos militares. Dias Gomes revolucionou o teatro brasileiro, mesclando o cotidiano da classe trabalhadora, seus dramas, suas lutas com tramas fantásticas. Autor de personagens plurais e que abordavam o contexto político e social da época, ele fez de seus textos armas poderosas. Apenas um subversivo tem texto de orelha da jornalista e mestre em comunicação pela USP Laura Mattos, autora de *Herói Mutilado: Roque Santeiro e os bastidores da censura à TV na ditadura.*

Kikando na maturidade

Um guia prático para o "susto" do envelhecimento: assim é definido o livro Kikando na maturidade – Uma senhora mudança (Editora Lacre, 2022), da jornalista Kika Gama Lobo.

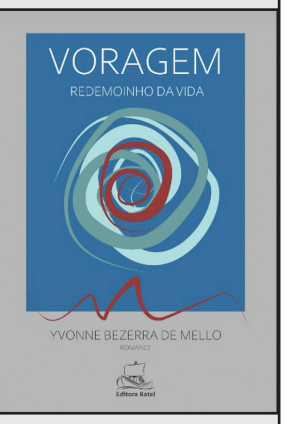
Apresentado pela escritora gaúcha Martha Medeiros, a publicação, com 92 páginas, traz fotos estilo portrait e capítulos com depoimentos de especialistas. Sexo grisalho, doença dos genitores, ninho vazio, perrengue com boletos, falta de trabalho, saúde mental, espiritualidade tardia: todos assuntos-tabus pouco explorados,estãonarrados em primeira pessoa.

"Minha ideia sempre foi compartilhar os meus acertos, depois que eu entendi que não ia morrer de câncer. O Kikando na maturidade é uma espécie de amuleto positivo para os meus pares. Mulheres 35+, que querem entender como será a maturidade, e as mais velhas, como eu, que já chegaram lá, mas precisam ressignificar seu caminhar. Tudo com humor, afinal, de gangorra eu entendo", afirmou a autora, no lançamento.

O livro surgiu depois de dramas pessoais: câncer, quimioterapia, separação, filhas adolescentes, menopausa e outras adversidades. Com humor irônico e inteligente, chamou a atenção, nas redes sociais, ao falar dessa vida nada glamurosa do seu cotidiano. Na contramão do glamour que os internautas exibem, logo tornou-se uma 'influencer ageless' de sucesso.

Kika Gama Lobo, 58 anos, é jornalista, youtuber, criadora da plataforma #Atitude50, colunista da revista Claudia e do site paulista Inconformidades.

Voragem – redemoinhos da vida



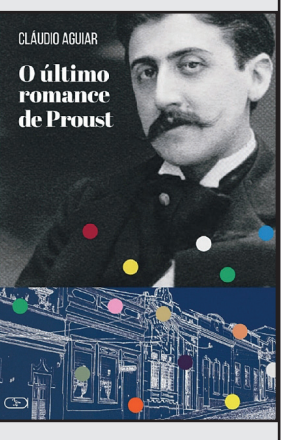
Voragem – Redemoinhos da vida (Editora Batel, 2022), novo livro de Yvonne Bezerra de Mello, suscita discussões acerca das mudanças de comportamento e de pensamento. A principal personagem, Regina, é uma mulher acomodada num casamento insatisfatório e na rotina sem sobressaltos do trabalho, até descobrir a homossexualidade do marido.

Um dos significados de voragem é o de destruir com violência. Outro é o de tragar, no sentido de tirar algo do lugar.

O livro é prefaciado pela professora e musicista Regina Leitão de Sá, tem a quarta-capa assinada pelo professor Carlos Eduardo Nunes-Ferreira, da UFRJ, e traz, na orelha, texto de Luciana Campos Ramos Martha, presidente do Projeto Uerê, criado por Yvonne no Complexo da Maré.

Yvonne Bezerra de Mello é graduada em Linguística pela Sorbonne, em Paris, especialista em Políticas Públicas pela UFRJ, mestre em Administração pelo Isla, em Lisboa, e Doutora Honoris Causa pela Universidade de Chicago. Dedica-se, desde 1998, ao Projeto Uerê, ONG que atua no Complexo da Maré, e cuja metodologia de ensino é reconhecida mundialmente e adotada em países que passam por conflitos armados. Na literatura, transita entre a escrita técnico-pedagógica e a ficção, tendo, publicado romances, crônicas e livros infantis. Seu livro "As ovelhas desgarradas e seus algozes" ganhou, em 1994, o Prêmio Jabuti.

O Último Romance de Proust



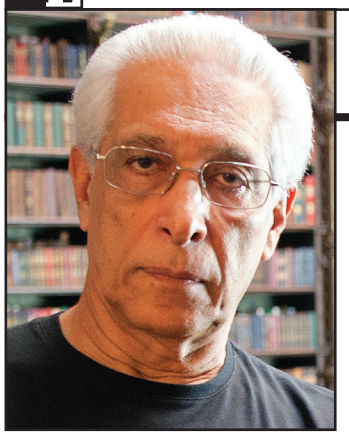
O Último Romance de Proust (Ed. Ibis Libris, 2022), romance histórico de Cláudio Aguiar, baseado em fatos reais, é uma homenagem do autor a Marcel Proust no centenário de seu falecimento.

Já doente dos pulmões, sem condições de escrever, Marcel Proust (1871-1922) teria ditado os três últimos volumes de *Em Busca do Tempo Perdido* ao seu amante Henri Rochat.

Na trama quase policial, situada em 1972, toda a ação se passa entre o sábado gordo e a quarta-feira de Cinzas. Em meio ao desfile dos blocos e à luxuriante folia, os personagens se envolvem com pistas falsas, correrias e até um sequestro. Para além de uma obra de entretenimento, a obra ficcionaliza um episódio pouco conhecido da história da literatura: como a obra de Marcel Proust chegou ao Brasil e como aqui se tornou conhecida.

Cláudio Aguiar nasceu no Ceará, em 1944, mas aos 14 anos mudou-se com a família para Pernambuco. Desde 1994, divide-se entre Rio de Janeiro e Recife. Publicou mais de 30 livros, entre romances, ensaios, teatro e poesia. Com *Francisco Julião, uma Biografia* (Ed. Civilização Brasileira) conquistou o Prêmio Jabuti 2015. Membro da Academia Pernambucana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Academia Carioca de Letras e PEN Clube do Brasil.

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.



Lauro Moreira

Os 25 anos da CPLP

Arnaldo Niskier: Hoje, com muito prazer, recebemos a visita do embaixador Lauro Moreira. Ele tem uma belíssima carreira no Itamaraty e é bacharel em Direito, formado pela PUC, no Rio de Janeiro. Li uma notícia no *O Globo* **que o senhor estava envolvido numa premiação que tem o nome do nosso comum amigo José Aparecido de Oliveira. Conte um pouco sobre isso.**

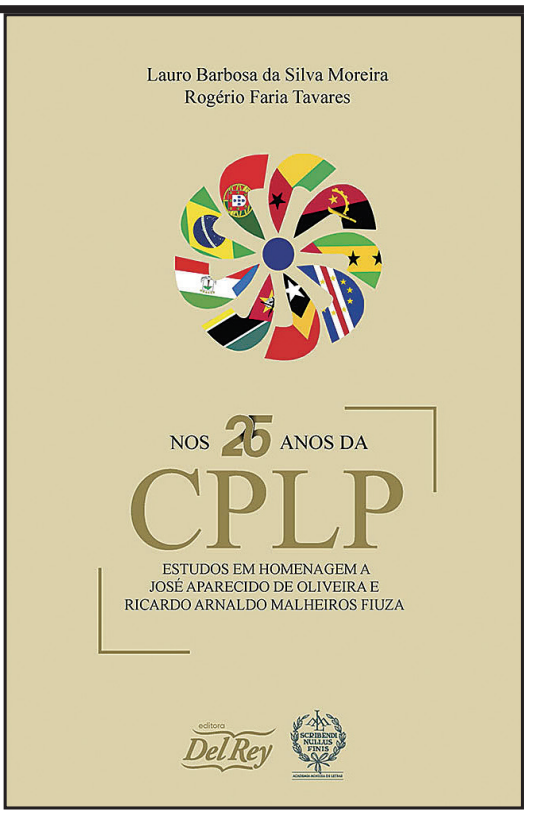
Lauro Moreira: O Prêmio José Aparecido de Oliveira foi criado pela CPLP, em 2011, e foi atribuído a grandes personalidades, pelo menos no início. Depois que chegou a mim, o prêmio, já não era tão grande personalidade. Ganhei o prêmio, em 2016, junto com o presidente de Portugal. Foi uma honra para mim muito grande. O prêmio é em dinheiro. Para mim, foi uma honra ter recebido esse prêmio, porque é o mais alto galardão da CPLP, é o prêmio mais importante da CPLP, eu já tinha deixado de ser embaixador lá. Na verdade, em 2009, recebi um prêmio, que também me deu muita alegria, que foi o "Personalidade lusófona do ano", mas é dado por uma entidade de caráter internacional, que é o Movimento Internacional Lusófono – MIL, lá de Portugal. Tive o privilégio de receber esse prêmio, na Academia das Ciências de Lisboa, com a presença do presidente Mário Soares, que tive também a honra de ser amigo.

Arnaldo Niskier: Tive uma boa relação com Mário Soares, quando vinha ao Rio sempre estava conosco na Academia Brasileira de Letras. Ele tinha muita admiração pela Academia, era uma belíssima pessoa.

Lauro Moreira: Uma figura extraordinária. Uma vez, o presidente Mário Soares veio ao Rio, para uma reunião internacional. Eu fazia parte disso também, pelo Itamaraty. Saí com ele de uma livraria que havia na Rio Branco, livraria portuguesa, Camões, se não me engano, saímos caminhando pela Av. Rio Branco e volta e meia as pessoas se voltavam...

Arnaldo Niskier: E CPLP?

Lauro Moreira: A CPLP completou 25 anos, no ano passado. Houve uma série de cerimônias, de homenagens, e fizemos, aqui, no Brasil, um livro chamado *Nos 25 anos da CPLP – Estudos em homenagem a José Aparecido de Oliveira e Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza*, grande jurista mineiro. Isso foi uma ideia da Academia Mineira de Letras, com o nosso amigo Rogério Tavares. Rogério também me convidou, me pediu para participar disso, e organizamos o livro. São 14 contribuições de 14 personalidades importantes da lusofonia de cada país da CPLP. Dos oito países, agora são nove, mas, para comemorar 25 anos, não tinha muito cabimento convocar a Guiné Equatorial, porque tinha acabado de entrar.



Arnaldo Niskier: A Guiné Equatorial é o nono país, mas tem uma fala em língua portuguesa muito relativa.

Lauro Moreira: Na verdade, acho que posso falar isso hoje, não sou mais diplomata, não estou mais no quadro da diplomacia brasileira. Pessoalmente, fui rigorosamente contra a entrada da Guiné Equatorial, pelo seguinte: a CPLP é um organismo que foi criado para servir, digamos assim, de moldura jurídico legal, no meu modo de entender, a uma realidade pré-existente. Essa realidade chama-se lusofonia, ela nasce com a língua portuguesa, mas ela nasce, sobretudo, a partir da grande gesta dos descobrimentos portugueses. Esse diálogo intercultural, não multicultural, intercultural e interétnico de Portugal com todos esses países que ele foi descobrindo, de Brasil a Goa. Esse pessoal falava uma língua que era também a língua portuguesa, da mesma maneira que no Brasil. Tínhamos nheengatu, tupi, que é uma língua importantíssima de certo momento, mas o português foi a língua que prevaleceu, no fim das contas, aqui no Brasil. Moçambique tem 41 línguas, mas o português é a língua franca, a língua de comunicação, de cultura.

Arnaldo Niskier: Que une o povo.

Lauro Moreira: Exatamente, que une o povo. Falando um português muito claro, o preço a meu ver do ingresso para a CPLP, para ser membro da CPLP, são 500 anos de convívio, sem entrar em consideração a qualidade ou não, sem nenhum juízo crítico. Não estou falando de colonização, estou falando de países que viveram 500 anos em contato. Basta ver o século XVI, XVII.

Arnaldo Niskier: Mas não temos isso com a Guiné Equatorial.

Lauro Moreira: Porque a Guiné Equatorial justamente é um país que pertenceu a Portugal até 1750, até quando foi feito o Tratado de Madri, para definir as fronteiras do Brasil e as fronteiras de Espanha aqui, na revisão do Tratado de Tordesilhas, em 1750. Nesse momento, houve então uma troca de territórios. A Espanha ficou com a Guiné Equatorial, que era umas ilhas no meio do Atlântico. Na Guiné Equatorial, quase não se fala português. Até brinquei e escrevi sobre isso. Agora vamos criar uma CPLPA, quer dizer, "Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e Afins".

Arnaldo Niskier: Quais foram os países onde o senhor foi embaixador?

Lauro Moreira: Em que fui diplomata, foram seis. O que fui embaixador já chegando, portanto, no final da carreira, dois. Fui embaixador, no Marrocos, por exemplo, e em Portugal, junto a CPLP. Fui o primeiro embaixador do Brasil junto a CPLP, embora a CPLP tenha sido criada há 25 anos, como sabemos.

Arnaldo Niskier: Vamos deixar claro porque nem todo mundo é obrigado a saber: CPLP é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Lauro Moreira: Antes era o seguinte: essa instituição foi criada, há 25 anos, para servir, digamos assim, de um marco jurídico legal para uma realidade já preexistente, que são esses 500 anos de lusofonia que falava. A CPLP, portanto, é um organismo que tem sede em Lisboa e foi criada há 25 anos, sobretudo, por causa da determinação de um homem, de um brasileiro chamado José Aparecido de Oliveira.

Arnaldo Niskier: Lembro o empenho dele.

Lauro Moreira: Se existe uma unanimidade, na comunidade dos países de língua portuguesa, é essa que acabei de falar agora.

Arnaldo Niskier: Determinação do José Aparecido.

Lauro Moreira: Ele convenceu o presidente Itamar, na época, era embaixador de Portugal, mas, evidentemente, já vinha de

antes, Agostinho da Silva, na Universidade da Bahia, depois Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília. Já tinha todo aquele trabalho, que tinha feito antes nessa questão da lusofonia e o José Aparecido sempre participando muito também. Depois José Aparecido foi chamado, por Itamar, para ser ministro de Relações Exteriores, mas adoeceu, não pôde assumir, assumiu então Celso Amorim. José Aparecido, pouco depois, foi para Lisboa, como embaixador do Brasil e, com isso (1993), ele estava justamente no lugar certo para levar adiante o projeto dele, que foi sempre de criar uma comunidade de países de língua portuguesa. Então, nesse momento, ele se juntou com Mário Soares e eles realmente fizeram funcionar tudo isto. Então criou-se, a partir de 1995, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, reunindo inicialmente sete países, porque o Timor Leste não era sequer um país. A CPLP, desde essa época, vem trabalhando com base nos seus três princípios fundamentais, seus três objetivos constitucionais, que são: primeiro, a concertação político-diplomática entre os países CPLP e outros países, em todos os níveis; segundo, a cooperação, que é fundamental em todos os níveis, técnica, econômica, cultural; terceiro, defesa e promoção da língua portuguesa.

Arnaldo Niskier: Estamos falando em CPLP. Estamos falando de quantos milhões de pessoas?

Lauro Moreira: Nesse momento, estamos falando de cerca de 280 milhões de pessoas que falam o português hoje espalhados pelo mundo. Agora, isso é que é interessante, a responsabilidade do Brasil nessa história é que é fundamental destacar. Quando falamos que a língua portuguesa é a terceira língua mais falada no mundo ocidental hoje, quando dizemos que é a primeira língua no hemisfério Sul, quer dizer, quando falamos que o Brasil tem 215 milhões de habitantes, estamos falando que de cada cinco pessoas que falam português no mundo quatro são brasileiras, 80%. Infelizmente não estamos levando tão bem assim essa responsabilidade. Acho que o Brasil poderia ter feito muito mais do que tem feito, nos últimos anos, pelo negócio da CPLP. Não só o Brasil, outros também. Esse é o problema, porque a CPLP, na verdade, só vai se realizar verdadeiramente no dia em que for uma comunidade de cidadãos lusófonos, não apenas de Estados lusófonos.

Arnaldo Niskier: Com a devida compreensão do que isso representa.

Lauro Moreira: As pessoas dizem: "Ah, porque a CPLP também não trata de comércio." Não, ela não foi feita para tratar de comércio, embora tenha um comitê – que não está na constituição dela –, o comitê empresarial, um conselho empresarial. Tem um Conselho de Ministro de Estado dos países todos, de diversas áreas que se reúnem também.

Arnaldo Niskier: Espanta-me o fato de que ainda não somos uma língua oficial na Organização das Nações Unidas. Usei bem a expressão "ainda não somos", mas é uma coisa estranhável, uma língua que é falada por 280 e tantos milhões de pessoas ainda não tem uma representação oficial na ONU. Por que isso?

Lauro Moreira: Por uma questão de dinheiro, basicamente. Isso custa caro. Manter um serviço de tradução para uma língua num organismo internacional não é barato. Fora isso, acho que o Brasil tem a responsabilidade maior, não é Portugal. Portugal é a origem, basicamente é isso. Mas hoje temos uma língua só, claro, fundamental esse conceito. É uma língua só, a língua portuguesa, nada de língua brasileira, angolana, não. É o português com suas variantes, segundo o lugar onde é falado, lexicais, sintáticas, fonéticas, sobretudo. A meu ver, a dificuldade maior que tem um brasileiro para entender o português está, justamente, na fonética.

Arnaldo Niskier: Esse fato foi ressaltado, na semana passada, na Academia Brasileira de Letras, pelo fabuloso acadêmico que é Evanildo Bechara. Ele destacou isso e seu discurso foi muito apreciado.

Lauro Moreira: O português de Portugal, tal como falado em Portugal hoje, está engolindo cada vez mais as vogais átonas. Ele só pronuncia as vogais tônicas. O povo brasileiro usa a língua de maneira muito vocálica, muito aberta. Nós falamos "beleza". Em Portugal, se diz: "bleza". O povo brasileiro ouvindo "bleza" não entende, agora eles entendem perfeitamente quando dizemos "isto é uma beleza". Tem outra coisa extraordinária. Descobriu-se, de uns tempos para cá, que o português falado no Brasil hoje está muito mais próximo do português falado no tempo de Camões do que o português de Portugal. Sobretudo por quê? Porque Camões tem muito mais sentido na fonética brasileira de hoje, que era tipo portuguesa antiga, do que na fonética portuguesa de hoje.

Arnaldo Niskier: Gostaria que o senhor falasse sobre esse livro.

Lauro Moreira: Esse livro aqui, por exemplo, tem quatro ex-secretários executivos da CPLP que colaboraram. Convidamos 14 personalidades, como disse antes, que fizeram seus artigos, e organizamos o livro.

Arnaldo Niskier: Na sua opinião, temos chance de um dia virar língua oficial na Organização das Nações Unidas? Tenho muito interesse nisso, como brasileiro.

Lauro Moreira: Seguramente. Falei que o português hoje é falado por 280 milhões de pessoas no mundo. Acontece que as projeções da ONU é de que haverá no mundo, até o final desse século, 500 milhões de pessoas falando português. É a língua que mais cresce no mundo atualmente, muito mais que o inglês e muito mais que o espanhol, quer dizer, as duas que estão na frente dele. Isso é uma coisa extraordinária. Veja bem, o Brasil vai diminuir a proporção no futuro, porque o Brasil vai ter um crescimento demográfico menor do que está tendo hoje. Com isso, quem vai crescer muitíssimo é a África. Somados na África, Angola e Moçambique, por exemplo, vai dar mais de 400 milhões de pessoas falando português dentro de 60, 70 anos. Além de ser uma língua de cultura extraordinária, é uma língua de valor comercial muito grande, valor econômico cada vez maior hoje.

Arnaldo Niskier: E responde àquela ponderação de que a CPLP não cuida de comércio. Não cuida diretamente, mas, indiretamente, aí está a resposta. É uma língua de cultura, isso sem dúvida nenhuma.

Lauro Moreira: Uma língua que deu o Machado de Assis, por exemplo, é quase imbatível.

Arnaldo Niskier: O senhor é um estudioso de Machado de Assis.

Lauro Moreira: Na verdade, não sou machadiano, sou machadólatra. Acabei de fazer uma conferência sobre ele, em Ribeirão Preto, que durou quatro horas.

Arnaldo Niskier: Qual dos livros do Machado o senhor destaca, como especialista?

Lauro Moreira: Destaco pelo menos três. A partir do momento que vem o grande salto dele, a partir dos quatro primeiros romances, um pouco mais influenciado pelo romantismo, mas quando Machado dá o salto para *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que para mim é o melhor livro dele, me toca mais. Tem o *Dom Casmurro*, que é o mais perfeito talvez de todos e o *Quincas Borba*, que acho extraordinário. São os três grandes livros. O título de minha palestra normalmente é Atualidade e Universalidade em Machado de Assis. Meses atrás, foi lançada a quinta tradução do Brás Cubas, em Nova Iorque. Esgotou-se em um dia. Em inglês. A primeira tradução é de 1958, parece, porque a primeira tradução desses livros importantes foi *Dom Casmurro*, que foi pela Helen Caldwell, que veio a conta corrente daquela coisa que existia no Brasil até então de achar que Capitu era culpada. A Helen Caldwell escreve um livro chamado *O Otelo brasileiro*, e a apreciação dela é interessantíssima, porque só conhecemos Capitu através dos olhos doentiamente ciumentos do Bentinho. Claro, porque está escrito na primeira pessoa, é o Bentinho falando da vida dele com a Capitu e tudo que se sabe da Capitu e sobre ela. O Domício Proença é um especialista, escreveu um livro interessantíssimo chamado *Memórias Póstumas de Capitu* e que ela, justamente, responde ao Bentinho.

Arnaldo Niskier: Acho essas considerações do especialista, professor, acadêmico e embaixador Lauro Moreira respondem muitas dúvidas dos nossos leitores.

Nélida, saudade imortal

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Plural no talento. Singular na genialidade. Poucas pessoas nascem com excelência na multiplicidade com a envergadura da imortal Nélida Piñon, que deixou órfão um legado de admiradores com a sua morte, ocorrida em Lisboa, no dia 17 de dezembro de 2022. Um dos maiores nomes da literatura brasileira, Nélida passou mal, com problemas nas vias biliares, e foi operada de emergência. Com um pós-operatório complicado, não resistiu.

Mundialmente reconhecida pelo trabalho literário, Nélida viajou para uma temporada em Portugal, em setembro de 2022. Em Lisboa, participou das comemorações do centenário de José Saramago como jurada do prêmio que leva o nome do escritor e que é um dos mais importantes da literatura de língua portuguesa. Depois, foi à Galícia, terra natal dos pais e avós, fez uma conferência em Santiago de Compostela, além de visitar Barcelona. Às vésperas de retornar ao Brasil, foi internada.

A carioca Nélida Piñon era neta de imigrantes espanhóis e mantinha um vínculo de amor e gratidão com os seus antepassados. Filha única de Lino Piñón Muíños e Olivia Carmen Cuíñas Morgado, de origem galega, seu nome é um anagrama do prenome de seu avô materno Daniel Cuiñas. Na infância, seus pais a estimularam a ler, deram-lhe livros e levaram-na a viajar. Aos dez anos, foi para a terra dos pais, onde ficou dois anos. Essa vivência se refletiu em sua obra, que fala do amor por duas pátrias: a Galícia e o Brasil.

Nascida em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, no dia 3 de maio de 1937, ainda criança, Nélida montou sua biblioteca. Escrevia histórias em folhas avulsas e costurava-as, montando "livros" que guardava carinhosamente na estante. Quando ela fez 12 anos, seu pai abriu uma conta na livraria Freitas Bastos, no Largo da Carioca. Toda a semana, ela ia de Vila Isabel até o Centro do Rio para escolher um livro.

Formada em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio, trabalhou como colunista do jornal *O Dia* e exerceu cargos nos conselhos consultivos de entidades culturais da cidade.

Seu primeiro romance foi publicado em 1961, *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo*, que trata do tema do pecado, do perdão e da relação dos mortais com Deus através do diálogo entre a protagonista e seu anjo da guarda.

Desde o início de sua carreira, buscou a renovação formal da linguagem. No romance *Fundador*, publicado em 1969, abandonou a base realista e pôs em cena personagens históricos e ficcionais, criando um mundo eminentemente estético. Em 1972, publicou *A casa da Paixão*, romance em que abordou o tema do desejo e da iniciação sexual, considerado um de seus melhores e mais conhecidos romances, vencedor do Prêmio Mário de Andrade.

Em 1984, lançou o romance autobiográfico *A República dos Sonhos*, narrando a saga de uma família enraizada na Galícia que emigra para o Brasil. Em *A Doce Canção de Caetana*, romance de denúncia política de 1987, fez uma incursão ao universo de uma cidade do interior, Trindade, à época do milagre brasileiro. Já no livro *O Pão de Cada Dia*, de 1994, Nélida deixou de lado a moderna ficção na qual se consagrou e empreendeu uma reflexão profunda sobre as inquietações do homem, através de fragmentos que exprimem emoções, ideias e pensamentos.

Com mais de 20 livros publicados, suas obras foram traduzidas em mais de 30 países. Entre eles, romances, contos, ensaios, discursos, crônicas e memórias. Segundo o site da ABL, ela foi a primeira mulher no mundo a presidir uma academia de letras. Ocupante da Cadeira nº 30, primeira mulher a presidir a entidade em 100 anos (entre 1996 e 1997), Nélida deu seus primeiros passos na Academia Brasileira de Letras em 27 de julho de 1989, quando foi eleita para a cadeira que tem por patrono Pardal Mallet, e da qual foi a quinta ocupante. Tomou posse em 3 de maio de 1990, recebida por Lêdo Ivo.

Prêmios, nacionais e internacionais, nunca faltaram na carreira da imortal, que colaborou em diversas publicações literárias e foi correspondente no Brasil da revista *Mundo Nuevo*, de Paris. Entre as premiações, estão o Prêmio Internacional Juan Rulfo de Literatura Latino-Americana e do Caribe, em 1995 (primeira vez dado a uma mulher e para um autor de língua portuguesa); o Bienal Nestlé, categoria romance, pelo conjunto da obra, em 1991, e o da APCA e o Prêmio Ficção Pen Clube, ambos em 1985, pelo romance *A República dos Sonhos*.

A imortal foi titular da Cátedra Henry King Stanford em Humanidades, da Universidade de Miami, no período de 1990 a 2003 (ocupada anteriormente por Isaac Baschevis Singer, prêmio Nobel de Literatura de 1978).

Em 1998, foi primeira mulher a receber o Doutor Honoris Causa da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, 1998. Nélida tinha também a nacionalidade espanhola, país pelo qual sempre teve grande proximidade, por causa dos avós galegos.

Para Nélida Piñon, a esperança era uma "espécie de hábito". "É preciso ter esperança para seguir arfando: O arfar humano é impulsionado por esse gesto de sobrevivência. Temos que ter a esperança de que vamos dormir, comer, falar, pensar, senão, a morte vem", defendeu, ao falar sobre o relançamento de *A República dos Sonhos*, em 2015. A esperança, ela desenhava com a linguagem em romances que contavam sagas e em ensaios que investigavam a memória e a própria existência.

Em relação à vida pessoal, Nélida dizia apreciar a solidão. Uma de suas grandes diversões era passear com seus cachorros, a pinscher Suzy Piñon e a chihuahua Pilara Piñon: "Adoro a solidão quando a quero. Não é a solidão de quem padece do repúdio alheio, sou uma mulher das amizades. Tive tempo de ser uma pessoa mundana, no sentido da vida social, dos amigos, dos jantares, das viagens... mas como escritora, preciso ficar sozinha, e fico."

Nélida Piñon foi vencedora do Prêmio Jabuti duas vezes, em 2005, com *Vozes do Deserto*, que ganhou nas categorias de melhor romance e de livro do ano de ficção. Nele, a escritora recriou a história das *Mil e Uma Noites* e pôs Scherezade no papel de mulher transgressora a romper as amarras de uma sociedade patriarcal.

Em seu último livro, *Um Dia Chegarei a Sagres*, lançado em 2021, após 14 anos sem publicar um romance, Nélida não se furtou a abordar a tensão sexual que aflora entre dois personagens masculinos. Ela que-

ria fazer um romance total. Um romance no qual os leitores "entendessem a gênese narrativa das Américas, de onde nós procedemos, quem somos nós". Gravetinho, o cãozinho do qual não se separava, morreu em 2017. Na época, decidiu passar um ano em Portugal, para escrever a obra.

No final de 2021, generosamente, Nélida doou ao Instituto Cervantes do Rio quase todo o seu acervo, com 8 mil livros. A Biblioteca Nélida Piñon forma um painel da literatura mundial, especialmente hispano-americana e brasileira, e inclui prateleiras dedicadas às "obsessões perenes" da autora, como a Idade Média, o velho oeste mítico de Karl May, religião, ópera, balé e a Galícia. Estão incluídos na doação, o acervo particular herdado da lexicógrafa Elza Tavares, clássicos franceses e ingleses e muitas obras de autores de língua espanhola e portuguesa. Próxima de muitos escritores, Nélida angariou livros com dedicatórias de autores brasileiros como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Lygia Fagundes Telles. Também lhe deram autógrafos amigos como o português José Saramago, o peruano Mario Vargas Llosa, o mexicano Carlos Fuentes, o colombiano Gabriel García Márquez e a americana Toni Morrison.

Além dos romances, Nélida também escreveu livros de contos e ensaios com reflexões e memórias. *Uma Furtiva Lágrima*, publicado em 2019, revisita a própria história e revela a visão da autora sobre sua trajetória e sobre a literatura. Na abertura do livro, o artigo "Sou múltipla", amplifica a sua potência:

"Não ando sozinha pelo mundo. Ao ser múltipla, sou muitas. Minha linguagem reverbera, tenho a memória de todos na minha psique. E o coletivo passa a me afetar, aloja-se na minha primeira pessoa, que é uma experiência dramática. Ao mesmo tempo, é bom saber que estamos sós no mundo, não nascemos de uma ninhada. Cumpro uma variedade de acordos ao narrar a minha história, enquanto conto com o enredo de todos. E reverencio aqueles com quem compartilho vida."

É nesse mesmo tom que *Os Rostos que Tenho*, entregue em 2022 à Editora Record, aguarda revisão. O livro deve ser lançado este ano.

Nélida Piñon foi sepultada no mausoléu da ABL no Cemitério São João Batista, onde já repousa a sua mãe. A Casa de Machado fará uma Sessão da Saudade, no dia 02 de março de 2023, no Salão Nobre, em homenagem à autora.

Ética, honradez, inteligência, competência, na mesma medida do olhar generoso para com os seus semelhantes, Nélida ultrapassou a estética da arte narrativa com audácia e lirismo que se eternizam através da sua obra. Majestade da linguagem, a saudosa escritora deixa um legado incomparável na literatura.

Frases de Nélida Piñon

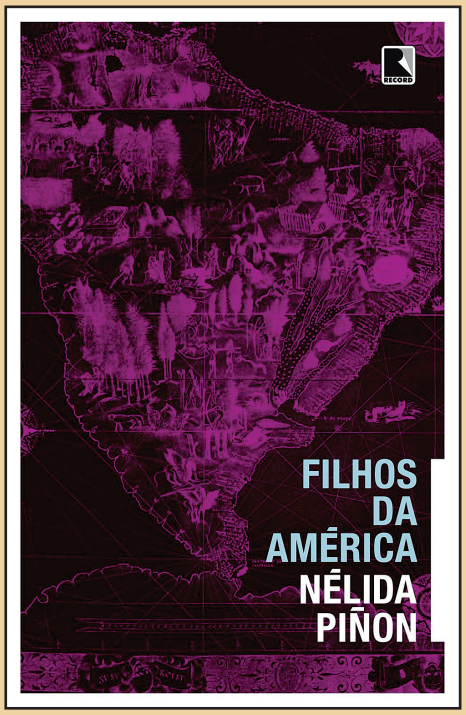
"Não aceito o conceito de que utopia é manejada pelos poderosos, grandes sonhadores, intelectuais. Acredito que cada qual tem o direito ao sonho modesto, pobre, que é uma utopia pessoal. Sempre achei que a imigração é um movimento utópico".

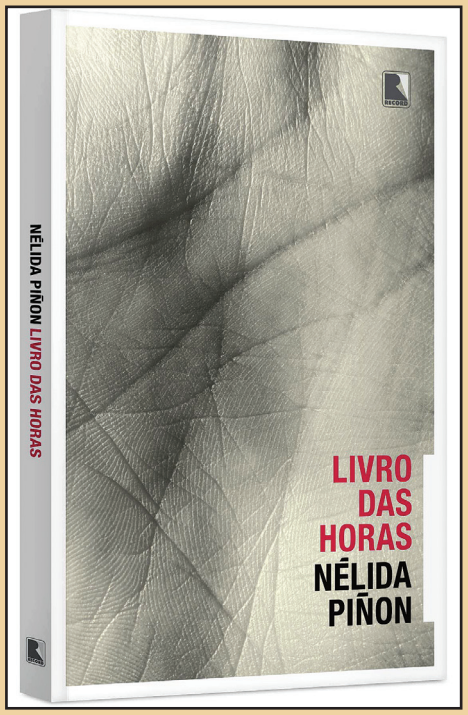
"O Brasil é um país abandonado à sua miséria. É que o povo é muito generoso, tem uma alegria natural, ri até sem motivo, mas ri. Canta, dança, tem movimentos estéticos fantásticos."

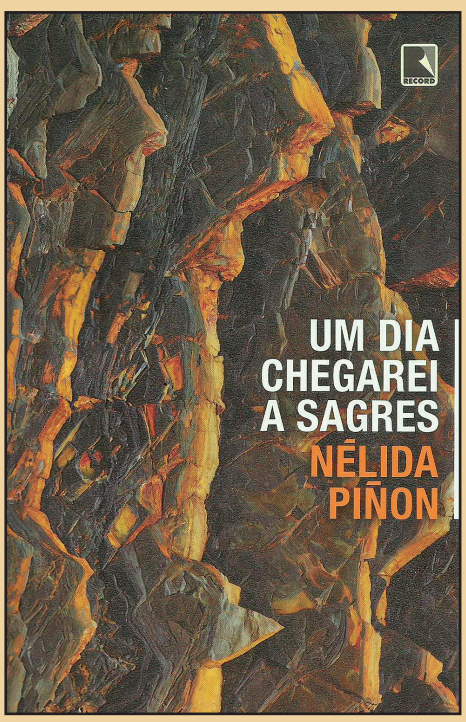
"Os animais, cada dia mais, ocupam um espaço poderoso na minha vida. Porque o tratamento que lhes é dado revela a precariedade da moral humana. Enquanto nós somos cruéis e carrascos em relação aos animais."

"Deus é uma resposta individual, cada qual estabelece uma aliança com Deus. Sou uma mulher de fé, mas nunca aceitei Deus como justiceiro, como alguém que subordinou minha consciência à vontade dele."

"Ao longo da minha formação, eu entendia que a literatura tem uma voz, parte de algum lugar, de uma geografia, mas não uma geografia circunscrita aos limites geográficos, de uma geografia que tem seus mitos, sua trajetória, sua língua, sua formação."







JL Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Esperança!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Vi no jornal da TV que a palavra escolhida no país inteiro em 2022 foi esperança (em 2021, foi vacina e, em 2020, foi luto).

É a esperança que nos embala neste início de ano com tantas perspectivas, dúvidas e anseios.

Conta uma lenda que as estrelinhas vieram conhecer a Terra e, no momento de retornarem ao céu, uma quis permanecer entre os homens, uma pequenina estrela verde, seu nome... esperança!

Que ela continue entre nós, que traga novas histórias, compreensão e bondade, saúde e vida melhor, com harmonia e amor ao próximo. Feliz Ano Novo!

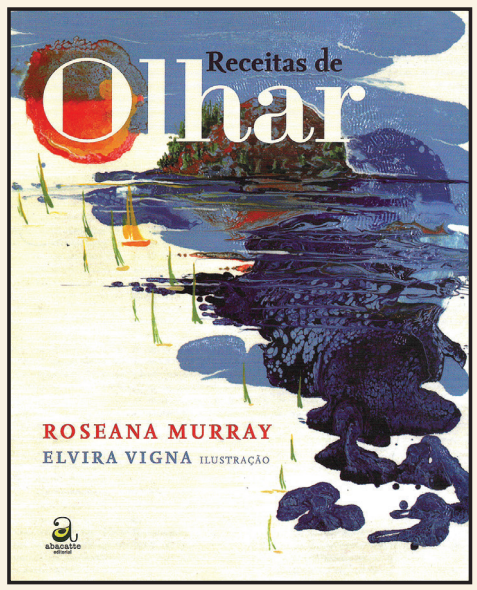
Compartilho com vocês a poesia de Roseana Murray:

De espantar a tristeza

Faça uma careta
e mande a tristeza
pra longe, pro outro lado
do mar ou da Lua.

Vá para o meio da rua
e plante bananeira,
faça alguma besteira.

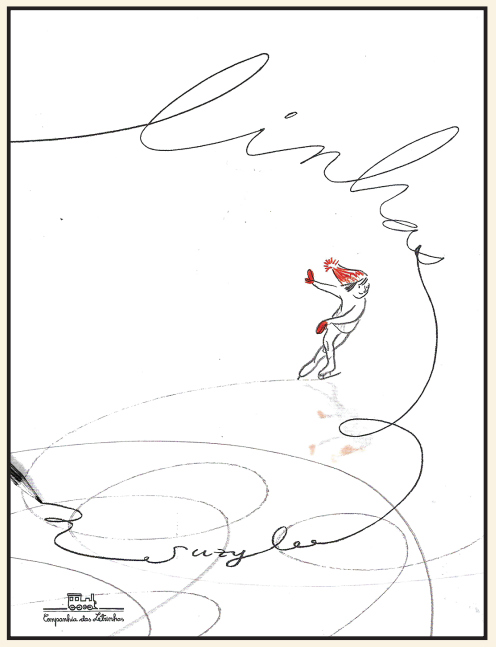
Depois estique os braços,
apanhe a primeira estrela
e procure o melhor amigo
para um longo e apertado abraço.
(p. 45)



Receitas de Olhar – A poesia de Roseana Murray nos sensibiliza ao olhar em volta, perceber detalhes, revelar sentimentos e tudo embalado pela delicadeza da arte de Elvira Vigna. Parece que nos dizem: olhem, aproveitem o dia, descubram a felicidade na singeleza do momento. Linda edição da Abacatte Editorial.

Abc...zônia – O livro colorido veio de longe, de Porto Velho, em mãos de Ninfa Parreiras e recomendado por Glorinha Grangeiro. O subtítulo "Dicionário Zoocultural da Amazônia" (Temática Editora) nos engana como uma obra didática, mas Nair Ferreira Gurgel do Amaral apresenta uma obra poética de amor e de dedicação às suas origens. A autora realiza uma rica pesquisa para a seleção de temas e cria poemas com a diversidade da região amazônica num abecedário original. Destaque para as ilustrações vibrantes de Mikéliton.

Linhas – A artista sul-coreana Suzy Lee (Companhia das Letrinhas) nos conduz com a ponta do lápis numa patinação inicialmente solitária, que segue pelas páginas do livro com saltos, piruetas, riscos e rabiscos. A delicadeza do traço e a beleza das ilustrações deste livro de imagens nos conduzem ao encontro de outros personagens, de outras piruetas que nos envolvem em sentimentos e novas histórias. A edição com capa dura valoriza a obra.



Havia um Menino com um Buraco no Dente – Quando li o título, fiquei pensando que seria preciso muita criatividade para imaginar essa história. E confesso, fui surpreendida com uma história genial, divertida, criativa. Parabéns, Lenice Gomes, Tino Freitas e Mariana Massarani pela criatividade e parabéns Lourdinha Mendes (Abacatte) pela edição. Uma ótima história para os consultórios dos dentistas!

Mais de Um – O artista Maurício Veneza (texto e ilustrações) apresenta um livro em que as artes plásticas caminham com a literatura, criando imagens, instigando novas criações, desenvolvendo a observação. De forma lúdica, o autor vai indicando aos pequenos leitores a variedade de ideias que podem ter com o uso de diferentes formas. E ele indaga: O que mais podemos fazer?, e ele mesmo responde, com um desafio: Agora é com você? (Compor).

Papaco e Lilico – A floresta e o circo – Texto de Adailton Medeiros e ilustrações de Bárbara Quintino (Brinque-Book). Uma história que começa com circo, palhaço e trapezista e que apresenta, aos olhos de duas crianças, a descoberta de aspectos pouco explorados do Rio de Janeiro. Elas nos conduzem à Floresta do Camboatá, localizada em Deodoro, na divisa entre zonas Norte e Oeste, pertinho da Baixada Fluminense. É o último lugar de Mata Atlântica de áreas planas do Rio de Janeiro e abriga mais de 200 mil árvores nativas. Se eu fiquei motivada para pesquisar o tema, imaginem esse assunto na sala de aula!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

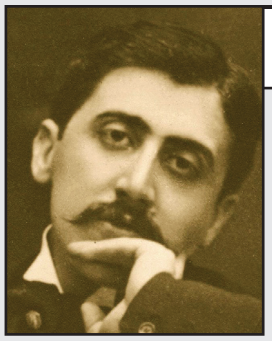
O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Nicolas Mathieu

(Nascido em 2 de junho de 1978, em Épinal) Autor francês e vencedor do Prêmio Goncourt em 2018. Seu primeiro romance é *Aux Animaux a Guerre* ("*To Animals War*"; 2014), um romance de mistério e crime. Foi adaptado para uma série de televisão France 3 em 6 partes em 2018. Foi traduzido para o inglês em 2021 sob o título ("*Of Fangs And Talons*"). Seu segundo romance, *Leurs Enfants Après Eux* (2018), é sobre um grupo de jovens em uma cidade rural fictícia do nordeste da França ao longo de seis anos. O romance retrata os problemas causados pela desindustrialização. Foi traduzido por William Rodarmor e foi publicado nos Estados Unidos como *And Their Children After Them* em 7 de abril de 2020 pela Other Press. Prêmios e honras: Vencedor do Prêmio Erckmann-Chatrian de 2014 – A*ux animaux la guerre*; Vencedor do Prêmio Mystère de la critique 2015 – A*ux animaux la guerre*; 2015 Festival du goéland masqué [fr] prêmio para romance – A*ux Animaux la Guerre*; Vencedor do Prêmio Goncourt de 2018 *Leurs Enfants Après Eux*; Vencedor do Prêmio Albertine 2021 por A*nd Their Children After Them*. Bibliografia: A*ux Animaux la Guerre*, Actes Sud, 2014; Paris/Colmar, Le Monde/SNCF, 2015; *Leurs Enfants Après Eux*, Actes Sud, 2018; Traduzido por William Rodarmor como *And Their Children After Them*; Rose Royal, Actes Sud, 2019; traduzido por Sam Taylor como *Rose Royal: Uma História de Amor*; Connemara, Actes Sud, 2022.

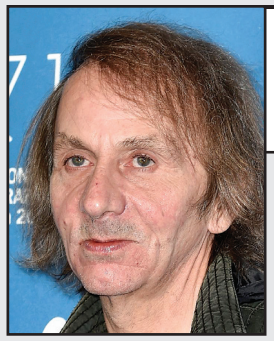
acervo JL



Marcel Proust

Louis Georges Eugène Marcel Proust (Auteuil, 10 de julho de 1871 – Paris, 18 de novembro de 1922) foi um escritor francês, mais conhecido pela sua obra *À la Recherche du Temps Perdu* (*Em Busca do Tempo Perdido*), que foi publicada em sete partes entre 1913 e 1927. Assistiu na École Libre des Sciences Politiques aos cursos de Albert Sorel e Anatole Leroy-Beaulieu; e na Sorbonne, os de Henri Bergson (1859-1941). Nasceu em Auteuil-Neuilly-Passy. Por volta dos nove anos de idade, Proust teve seu primeiro ataque grave de asma e, a partir daí, ele foi considerado uma criança doente. Proust passou longos períodos de férias na aldeia de Illiers. Esta aldeia, juntamente com as lembranças da casa do seu tio-avô em Auteuil, tornaram-se o modelo para a cidade fictícia de Combray, onde algumas das cenas mais importantes de *Em Busca do Tempo Perdido* têm lugar. (Illiers foi renomeada para Illiers-Combray por ocasião das comemorações do centenário de Proust). Proust serviu durante um ano (1889-1890) no exército francês, estabelecido em Coligny Caserne em Orleans, uma experiência que providenciou um episódio em *O Caminho de Guermantes*, parte três de seu romance. Passou os últimos anos da sua vida confinado em seu quarto, dormindo durante o dia e trabalhando à noite para concluir o romance. Ele morreu de pneumonia em 1922. Foi enterrado no cemitério Père Lachaise, em Paris.

acervo JL



Michel Houellebecq

Nascido Michel Thomas (Ilha da Reunião, 26 de fevereiro de 1956), é um escritor francês. Ficcionista, poeta, ensaísta, realizador, argumentista, Houellebecq é um dos mais traduzidos autores franceses contemporâneos, e também um dos mais controversos. Após estudos num liceu em Meaux, entrou na classe preparatória para as grandes *écoles*, no Liceu Chaptal de Paris. Em 1975, começou a estudar no *Institut national agronomique Paris-Grignon* (INA P-G). Seu primeiro romance, *Extensão do Domínio da Luta (Extension du Domaine de la Lutte)*, foi publicado em 1994. *Partículas Elementares (Les Particules Élémentaires)* provocou uma tempestade nos meios literários, dentro e fora da França, em 1998. O livro *La Carte et le Territoire* (no Brasil, *O Mapa e o Território*; Record, 2012), venceu o prêmio Goncourt. Seu mais novo romance é *Submissão* (2022), que fala sobre as eleições presidenciais vencidas por Mohammed Ben Abbes, o candidato da chamada Fraternidade Muçulmana. No mesmo ano do seu lançamento, *La Carte et le Territoire* tornou-se objeto de uma grande polêmica, depois que o site Slate.fr afirmou que o livro continha trechos transcritos da Wikipédia francesa, sem atribuição de crédito. Além das polêmicas devidas a seus livros, suas declarações à mídia têm sido tomadas contra ele. Houellebecq tem dito que a clonagem possui mais valores humanistas do que o aborto, ou que a religião mais estúpida é o islã.

Mãos femininas que ajudaram a tecer a nossa Independência

Por Peilton Sena*

Era setembro e soprava
Pelos campos os fortes
Ventos das mudanças

Nas águas cristalinas
Do riacho Ipiranga
Borbulhavam notícias
Da mais real importância

O tempo em sua oração e
As sementes ansiando a luz
No escuro do chão
Clamavam por uma firme
Tomada de decisão

De espada em punho
Fitando um lindo céu de anil
Sob o olhar de gente simples e
Cercado por leais cavaleiros

Eis que bradou o imperador
Do Brasil – D. Pedro I:
"Independência ou morte"

Um momento alvissareiro
Para o povo brasileiro
Um marco, um sinal
Nosso país estava livre (?)
Do jugo de Portugal

O grito atravessou séculos
Ecoou tão forte, enérgico
Que aquela cena ficou
Para sempre retratada
Na grande tela do pintor
Pedro Américo
...
Mas anterior ao grito:
A escrita,
O manifesto,
A luta,
O sangue derramado...

No curso da nossa História
Muitos fatos foram e são
Negligenciados

Nossa Independência
Foi tecida por inúmeras
Mãos humanas

Dentre elas
Além de muitas outras
As mãos femininas da
Imperatriz Maria Leopoldina

Maria Felipa – de escrava à heroína da Pátria
Maria Quitéria – patrona do Exército Brasileiro
Joana Angélica – mártir da Independência, abadessa de fé tamanha
(As nossas 3 guerreiras baianas)
...
Ouçamos então
Essas vozes femininas e tantas outras
A nos dizer nesse 7 de setembro:

Ó vinde cantar nossa
INDEPENDÊNCIA de alma leve
E coração puro
Louvar nossos heróis e nossas heroínas de outrora
Sem nos esquecermos
Que a INDEPENDÊNCIA é
Construção permanente
Do presente rumo ao futuro

Vem e abraça essa Mãe tão gentil
Preservando, amando, educando
Honrando... trabalhando por um justo Brasil

Vem que o tempo é agora
E assim como em outrora
Ouçamos a Pátria Amada que nos chama
A mantermos sempre viva da LIBERDADE
Acesa a chama!

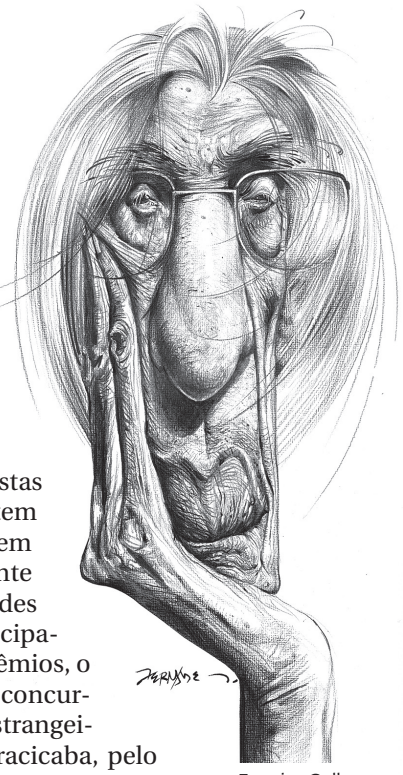
*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP.

Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

O talentoso caricaturista Fernandes



Ferreira Gullar

Surgido na imprensa em 1979, o caricaturista Fernandes é um dos desenhistas brasileiros mais premiados da atualidade. Seu currículo é surpreendente e carrega uma farta e quase inacreditável lista de prêmios recebidos, a partir de 1997. Se apenas quiséssemos apresentar a lista completa de troféus que o artista recebeu nos últimos anos, praticamente ocuparíamos uma edição inteira da coluna Desenharte. De fato, Fernandes é um dos mais talentosos artistas que temos no atual humor gráfico brasileiro, e tem sido muito bem-sucedido em suas participações em eventos de cartum e caricatura, sendo regularmente premiado. Até o fechamento desta edição, Fernandes recebeu mais de 70 prêmios, e teve cerca de 40 participações em exposições coletivas e individuais. Dos prêmios, o desenhista tem indicações de 1ª colocação em 20 concursos e importantes salões de humor brasileiros e estrangeiros, como o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, pelo qual foi agraciado em 2001 e 2018, com belíssimas caricaturas do argentino Jorge Luis Borges e Pablo Picasso, respectivamente. Foi ainda laureado diversas vezes em 2º e 3º lugares, e recebeu igualmente uma série de Menções Honrosas em concursos variados. Foi também agraciado com o troféu HQ Mix, o principal prêmio das artes gráficas do Brasil, por duas vezes, em 1997 e 2009, a primeira por conta das ilustrações da coleção Castelo Rá-Tim-Bum, da Cia das Letrinhas, e a segunda vez quando foi escolhido como o melhor caricaturista do Brasil naquele ano. Em 2017, graças à uma caricatura do cubano Fidel Castro, consagrou-se ao conquistar o 1º lugar nesta categoria, no World Press Cartoon, em Portugal, evento anual que celebra os melhores desenhos vinculados em publicações de todo o mundo, com centenas de artes humorísticas que retratam e criticam os acontecimentos, representadas pela imprensa de 54 países. Mas nem tudo são flores e risos na trajetória do genial caricaturista. Em 2019, quando comemorava 40 anos de atividades, o artista teve duas de suas artes roubadas da mostra individual "Caminhos" – uma delas, a caricatura de Keith Richards, guitarrista dos Rolling Stones, era original, enquanto outra, uma arte com Ferreira Gullar, era um fac-símile. Na maior cara de pau, o ladrão invadiu a Cafeteria Nacional, na Casa da Palavra, Centro de Santo André, e surrupiou os dois desenhos da mostra que, infelizmente, nunca foram recuperados.

Fidel Castro.

Nascido no município de Avaré, interior de São Paulo, no dia 05 de outubro de 1959, Luiz Carlos Fernandes é autodidata e começou a se interessar por arte ainda na juventude, quando criava esculturas com argila que seu pai retirava da beira de um riacho. Porém, o artista acabou enveredando para o desenho, tornou-se caricaturista, e publicou pela primeira vez em 1979, no jornal *O Estábulo*, de sua cidade de origem. Depois, em 1982, aproveitando que recebeu uma bolsa de estudos da Escola Pan Americana de Artes, mudou-se para o Grande ABC, mas não concluiu o curso, e começou a desenhar para o *Jornal do Planalto*, de Diadema e, no mesmo ano, passou a colaborar no jornal *Diário do Grande ABC*. Em 1986, foi convidado para trabalhar na *Gazeta Mercantil*, quando a ideia inicial era substituir Laerte nos quadros da equipe de artes, mas não chegou a ocupar o posto, já que o diretor do setor estava se transferindo para o jornal *Retrato do Brasil* (que depois virou revista), e acabou levando-o para formar sua equipe com os também geniais Elifas Andreato e Jayme Leão. Durante algum tempo, o desenhista também colaborou com diversas publicações alternativas, entre elas as revistas *Brasil Transporte* e *Revista Transporte Moderno*, o informativo *Hoje São Paulo* (do antigo MDB de SP), além de atender algumas agências que terceirizavam suas artes. Em 1989, retornou para o *Diário do Grande ABC* e, ao mesmo tempo, passou a atuar no *Diadema Jornal*. Em parceria com o ilustrador Ricardo Girotto, com quem manteve a empresa Traço Studio por cerca de 4 anos, a dupla foi a responsável por ilustrar centenas de obras literárias, entre elas, duas coleções, a já citada com 12 livros do Castelo Rá-Tim-Bum, e a coletânea A Turma do Gerson, do saudoso Gérson de Abreu (apresentador do programa X–Tudo, da TV Cultura), publicada pela Atual Editora. Em fevereiro passado, Fernandes apresentou 16 caricaturas inéditas retratando artistas ligados ao movimento modernista no Brasil, especialmente por conta do Centenário da Semana de 22. A mostra foi planejada sob a curadoria do cartunista Jal, o José Alberto Lovetro, e foi montada com reproduções gigantes nas pilastras do Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Inteligentemente intitulada "Pilares de 22", a exposição exibiu caricaturas de Anita Malfatti, Antonieta Santos Feio, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Guiomar Novaes, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Pagu, Plínio Salgado, Tarsila do Amaral, Villa-Lobos e Victor Brecheret.

Entre uma caricatura desenhada e outra, Fernandes também cria esculturas humorísticas, fazendo valer seu talento de juventude, chegando, inclusive, a receber prêmios importantes com essa linguagem. Recentemente, no 49º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, o artista foi convidado a participar de uma exposição paralela, justamente apresentando esculturas inéditas de sua autoria, no caso representando 12 escultores que fizeram História nas artes no mundo, como Tomie Ohtake, Francisco Brennand, Lygia Pape, Michelangelo, Honoré Daumier entre outros.

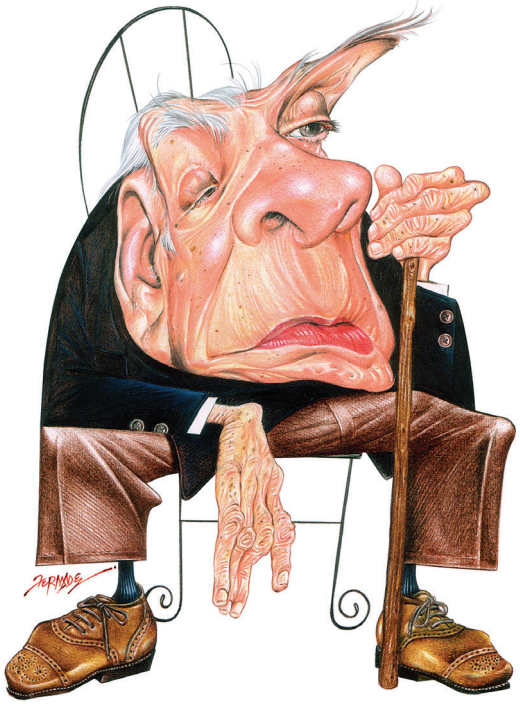
Marcando presença na Internet, Fernandes pode ter suas artes apreciadas pelos leitores do Jornal de Letras no blog caricaturasfernandes.blogspot.com/; no Instagram, no perfil @_caricaturistafernandes_, e no Facebook, no endereço facebook.com/luizcarlos.fernandes.583.

Saúde e Arte!

Gal Costa.

Franco Montoro.

Jorge Luis Borges.



Fernanda Montenegro.

Reflexões sobre a arte da escrita

Por William Soares Dos Santos*

Bibliófilo, exímio poeta, professor que é uma referência para diferentes gerações de seus muitos alunos, crítico literário de enorme importância para a literatura brasileira, acadêmico de atividade constante, Antonio Carlos Secchin presenteou seus leitores, neste ano de 2022, com uma de suas facetas (ao menos até agora) de menor evidência em sua profícua produção: a de prosador. Em seu livro mais recente, *Ana à Esquerda*, Secchin traz dezesseis contos, em que explora, através de diferentes narrativas, seres humanos diante de situações inusitadas, de estranhamento e, em alguns casos, de absurdo diante de suas vidas.

Cada conto possui características tão ricas que me seria impossível falar de todas elas no restrito espaço que disponho aqui, mas ouso apontar algumas delas. Um elemento que é muito presente nos textos de *Ana à Esquerda* é a intertextualidade que, no entanto, não aparece como simples exercício formal ou maneirista, mas que serve à tecitura de uma profunda rede de significados para o enriquecimento de seus leitores. Caso exemplar é o do conto que dá título ao livro, no qual o autor constrói um texto que dialoga, mais evidentemente, com a obra de Machado de Assis (1839-1908), com a de Lewis Carrol (1832-1898) e com a difícil arte do palíndromo.

Em relação a Machado, é evidente a referência ao seu conto *O espelho* – que, por sua vez, é também construído pleno de relações intertextuais e de referências explícitas a autores como Shakespeare (1564-1616), Henry Longfellow (1807-1882), dentre outros – que, um homem, realizando uma narrativa dentro da própria narrativa do conto, narra aos seus ouvintes como descobriu que cada ser humano possui não uma, mas duas almas, ao ter tido a experiência de se confrontar consigo mesmo diante de um espelho em um longo período de solidão. No conto de Secchin, o narrador também enfrenta a solidão e faz emergir do espelho vários elementos que a sua imaginação inventa, inclusive um boi e um coelho.

De Lewis Carrol, as referências mais evidentes são a presença do coelho e o nome de uma das personagens, Ana Ecila, que, lido ao contrário (Alice Ana), nos remete à personagem principal de Carrol em dois de seus livros, *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Alice Através do Espelho* (1872). Mas as referências não param por aí. Assim como a personagem de Carrol, o personagem narrador de Secchin também se confronta com a realidade complexa proporcionada pelo espelho. Mas, ao contrário da Alice de Carrol, que atravessa o espelho para encontrar do outro lado um mundo totalmente novo, o personagem do conto de Secchin teme ser aprisionado pela "realidade" do espelho, que traz para o mundo do personagem as mais diversas materializações do que é pensado por ele. Em um determinado momento da trama, o personagem narrador chega ao ponto de ter de se disfarçar para enganar o espelho. Nessa tentativa de não deixar que o espelho refletisse a sua face sem disfarces, o narrador vê-se envolto com a possibilidade de não mais reconhecer a si próprio em meio a tantas dissimulações.

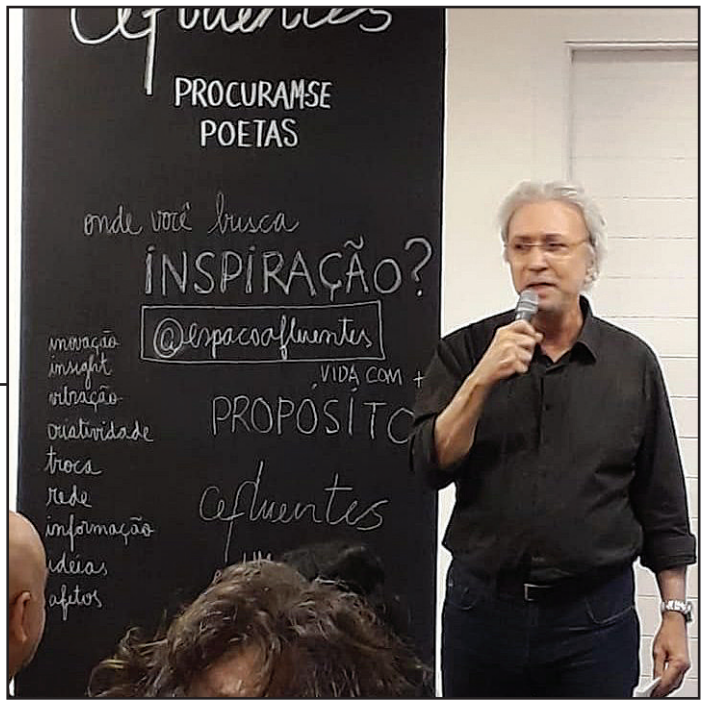
Sobre o palíndromo, o texto apresenta vários deles ao longo da narrativa, que deixarei para que os leitores os descubram. Chamo atenção apenas para o fato de que o texto termina com um dificílimo palíndromo de nove palavras, talvez um dos maiores da língua portuguesa. Se levarmos em consideração que nada é casual no texto de Secchin (note-se, por exemplo, que, em algumas tradições espirituais do mundo ocidental, o número nove representa o infinito, o eterno retorno, já que, em uma operação de multiplicação em que ele esteja envolvido, a sua redução, através da soma dos números que formam o resultado, sempre o traz de volta), a escolha do número nove parece nos lembrar da permanência, da complexidade e (por que não o dizer?) do eterno confronto do ser humano com a sua delicada condição. Essa última constatação me faz refletir sobre uma chave de leitura ainda mais profunda do trabalho de Secchin, aquela que nos leva a perceber que a presença dos palíndromos em seu texto não é um mero artifício para um exercício intelectual formal, mas, tais como utilizados em seu texto, os palíndromos se transformam em metáforas do complexo jogo de projeções, inversões e de performances das nossas próprias identidades nos diversos mundos sociais em que trafegamos.

Do primeiro grupo de textos do livro, seria importante mencionar, também, os contos *Confissão de um homem* e *J*, em que, em uma clara referência à obra *Seis personagens em busca de um autor* de Luigi Pirandello (1867-1936), personagens cansados de representarem papéis definidos, desafiam seus autores. No primeiro conto, de verve mais cômica, um personagem desfila suas agruras como personagem pouco representativo de um romance, enquanto reivindica para si um papel de maior relevo. No segundo conto, a personagem "J" desenvolve uma complexa relação de desconfiança com seu autor ao perceber que este sempre a coloca em situações complexas, envolvendo, inclusive, o risco de sua vida. Em dado momento, sem acreditar nas mirabolantes explicações do autor, a personagem resolve se vingar de forma inusitada.

Naquilo que podemos chamar de segunda parte do livro, Secchin nos traz um grupo de cinco textos sob o nome de "Movimento", no qual, em termos resumidos, um narrador escritor (o melhor seria dizer "narradores escritores") reflete sobre a arte da escrita, ao mesmo tempo em que dá vida (ou seja, coloca em movimento) os personagens que engendra. Em um jogo em que vida e a ficção se confundem, o narrador deseja ser um personagem enquanto vê seus personagens vivos em seu cotidiano. No que parece ser uma profunda crise criativa, o narrador escritor, que não consegue terminar o texto a que se propôs, reflete sobre o sentido da escrita, enquanto transforma em prosa as suas próprias experiências. A referência ao famoso personagem Telêmaco, dentre outras pistas textuais, mostra o escritor como um verdadeiro Ulisses – de Homero (oitavo século a. C.), mas também de James Joyce (1882-1941), em uma verdadeira jornada existencial em que ele, de modo angustiante, tenta terminar as diversas histórias que começa. Não conseguindo terminá-las, depara-se com várias perguntas, mas com poucas possibilidades de resposta. Em um dado momento (p. 81) o narrador escritor se pergunta: "Como prosseguir com a história? De que serviria se eu prosseguisse?".

Em um jogo de espelhamentos que já havia sido inaugurado no primeiro conto do livro, nos demais textos de "Movimento", um escritor narrador leva os leitores a confundirem vida e ficção ao narrar ficção como realidade, para descortinar, mais adiante, que o que descreveu se tratava, na verdade, da invenção de um novo enredo ou personagem. O narrador escritor do texto de Secchin vê-se confrontado pelo fato de que aquilo que escreve não tem diferença daquilo que vive ou daquilo que ele é. Ao fim, ele parece ter se aproximado da escrita para fugir dela, para conquistar forças a fim de enfrentar a vida com alguma esperança de liberdade. Talvez, por isso é que o escritor narrador dirá, em uma quase tentativa de conclusão e justificativa para o seu enredo, ao se libertar do ato de escrever: "Eu estava livre. Viver, para mim era um modo imperfeito de não escrever" (p.122).

Do início ao fim, o livro de Antonio Carlos Secchin é uma verdadeira conversa com alguns dos expoentes da literatura ocidental e uma grande meditação sobre o sentido da escrita (e, quiçá, também, sobre o sentido da existência). Termino esta leitura interpretando o seu texto, sobretudo, como um convite para que seus leitores entrem em uma desafiadora sala de diferentes espelhos na qual imagens e realidade, ficção e vida se confundem. A literatura nos ilude muitas vezes, mas ela também pode nos propiciar o confronto libertador. Alguns dizem que ela pode até curar. Secchin sabe de tudo isso e o seu livro nos dá provas de que ele (ou seja, o seu próprio texto) sabe mais sobre Secchin do que o próprio autor poderia suspeitar.



*William Soares dos Santos é Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e escritor.

Adolescente matou duas professoras e uma criança. Ou seja: vai acontecer de novo

Por Nelson Valente*

Adolescente invadiu duas escolas no Espírito Santo, atirou em 11 pessoas e matou duas professoras e uma criança.

Por todos os canais abertos e fechados, pululam especialistas em tudo. Psicólogos, Psiquiatras, Psicanalistas Religiosos, Políticos Policiais e os "analistas" de tudo tentam emplacar uma "explicação". A informação é cada vez mais estilizada, pasteurizada, e os fatos recortados da realidade sem nexo, sem contexto, sem passado, sem história, sem memória, numa destruição clara da temporalidade, como se o mundo fosse um eterno videoclipe.

O máximo da violência moderna é o terrorismo, que ainda tem um sentido político. Mas a pós-moderna não tem sentido nem político nem psicológico. É um ato de ruptura, de um *nonsense* absoluto, uma explosão cega. É um "sair de si", na linguagem da psicanálise.

Aceitar que a violência possa ser banalizada e naturalizada é uma tentativa de diluir o seu impacto, seu terror; de se evadir de seus efeitos, de não se implicar com a existência de suas manifestações e com as possibilidades, por pequenas que sejam, de sua transformação. "Esta banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. Resignado à ideia, inculcada pela repetição do jargão de que somos 'instintivamente violentos, o homem curva-se ao destino e acaba por admitir a existência da violência, como admite a certeza da morte. A virulência deste hábito mental é tão daninha e potente que, quem quer que se insurja contra este preconceito, arrisca-se a ser estigmatizado de "idealista", "otimista ingênuo" ou "bobo alegre".

Que a violência aterrorize e que diante de uma cena assim todos pareçam dizer: "já que não é comigo não vou me meter", que a solidariedade desapareça por um risco de se expor a própria vida, a isso já nos acostumamos!

O sujeito que sente medo no sonho não o vive como coisa própria, mas no episódio onírico haverá um outro personagem que viverá um estado de medo. Na realidade, o que se produz é um deslocamento da carga psíquica do sujeito para o objeto. Na paranoia, a pessoa projeta sua agressividade, mas também o faz com outros afetos, sem se dar conta de que a essência de tudo está nela. Um exemplo é o caso do menino que, diante da jaula dos leões no zoológico, diz: "Vamos embora, vovô, porque você está com medo." Como ação específica de uma pulsão, a agressividade não é somente uma busca de destruição do objeto (atacar), mas também a mobilização com vista a realizar uma tarefa, sem matiz de destruição (atacar um problema). Nos últimos escritos de Freud, a agressão é derivada do instinto de morte, em oposição ao instinto sexual ou instinto de vida, Eros.

O desenvolvimento de Eros neutralizaria a agressão.

As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossos instintos e nossa cultura. Muito mais desagradáveis são as emoções simples e diretas de um cão, ao balançar a cauda, ou ao latir expressando seu desprazer. As emoções do cão, acrescentou Freud pensativamente, lembram-nos os heróis da Antiguidade. Talvez seja essa a razão porque inconscientemente damos aos nossos cães nomes de heróis antigos, como Aquiles e Heitor.

Alguma coisa muito errada, maligna, se esconde nas entranhas da sociedade brasileira. Quando vem à tona, todo o mundo se pergunta como é possível que horrores assim ocorram num país como o Brasil.

Adolescentes ou adultos desequilibrados, malucos com manias conspiratórias e outras anomalias não são, obviamente, exclusividade americana. Não se encontra em outros países, contudo, nada similar em termos de explosão gratuita de violência assassina. Professores e colegas também não aquilataram o perigo, mas para isso pode haver uma explicação. No ambiente ferozmente competitivo das Escolas Públicas e Particulares, os alunos são virtualmente forçados a se agrupar de acordo com seu prestígio e seus talentos. No topo do microcosmo, estão os atletas, os bons alunos com vaga garantida na universidade e as garotas bonitas.

A agressão física cedeu espaço ao trabalho de convencimento verbal do educador em relação aos seus alunos. Chegou o momento de compreender que é preciso dar tratamento de choque à nossa educação. Agora, no entanto, parece que há uma crise na ciência do comportamento nas escolas brasileiras – chegam notícias de uma violência inaudita contra professores em sala de aula ou fora dela, sobretudo as de ensino médio.

A problemática da violência, seja aquela em que o jovem é vítima seja aquela que é protagonizada por ele, vem provocando crescente perplexidade e sendo objeto de grande preocupação no meio escolar. Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência não pode ser reduzida ao plano físico, podendo se manifestar também por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica. A violência, provavelmente, sempre fez parte da experiência humana. Seu impacto pode ser mundialmente verificado de várias formas. A cada ano mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de autoagressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva. Em geral, estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo.

Com o avanço da psicologia e da psicanálise, que são relativamente recentes, valorizou-se o uso da palavra. Os professores e os pais mais esclarecidos repreendem os alunos e filhos faltosos com este instrumento poderoso e insubstituível de comunicação, que é a palavra. Uma frase dita na hora certa pode valer muito mais do que os castigos, que provocam ira, o que é contraproducente no processo educacional. Quem tem paciência para pesquisar sabe disso.

Como sobrevivemos nós a um cotidiano tão ameaçador para a vida? Que custo isso nos traz? Estes que morrem nas ruas, nas chacinas, nos assaltos, não são nossos parceiros de guerra? Ao menos cinco ataques a tiros ocorreram em escolas brasileiras desde 2019. Pela extensão, o espetáculo macabro avançou um patamar no rol de explosões periódicas de insanidade. Volta e meia, malucos saem atirando contra multidões. Movidos por convicções obscuras.

O previsível, porém, é que gente muito desajustada no Brasil, sempre consegue acesso desimpedido às armas de fogo. Prefiro fazer uma previsão tristemente óbvia: "Há um grande número de outros garotos por aí que estão acumulando ressentimentos dentro de si, e fora do nosso alcance." Ou seja: vai acontecer de novo.

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.

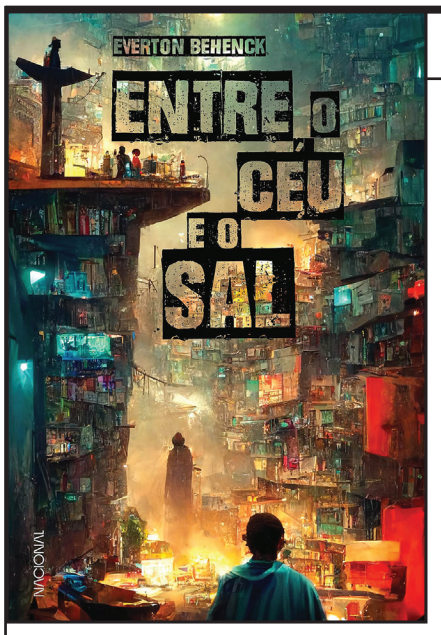
CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

JL Novos Lançamentos

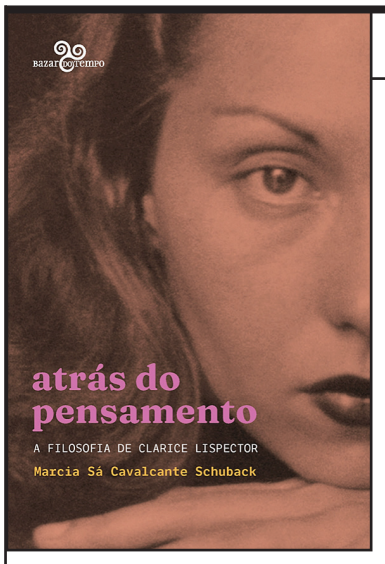


Questões complexas

Usar o futuro para debater o presente é o sincero convite do novíssimo *Entre o Céu e o Sal*. Romance de ficção, escrito por Everton Behenck e publicado pela Editora Nacional, é o primeiro livro do Brasil com capa feita por inteligência artificial (Midjourney). Ambientado na zona sul do Rio de Janeiro, totalmente alagada pela água do mar, a obra fala sobre a elite que expulsou os moradores dos morros para dar lugar aos novos bairros. Aos pobres, sobrou a alternativa de invadir os prédios tomados pela água e fazer dali sua moradia. Zias, o protagonista, é criado no exílio, em Portugal, depois do assassinato do pai, e vive nas ruas de Lisboa em meio ao crime, às drogas e ao vício digital. Tudo muda quando recebe a notícia de que seu pai ainda estaria vivo e só ele poderia salvá-lo. Então, parte para o Rio e descobre ser "o escolhido" para assumir a igreja evangélica revolucionária liderada por seu pai. Zias encontra uma cidade tomada pela água, organizada legalmente pela milícia, onde uma nova droga assola as igrejas e trabalhadores de aplicativo fazem qualquer coisa por alguns trocados. Poeta, redator, músico e pai, Everton Behenck já lançou dois livros de poesia, *Os Dentes da Delicadeza* e *Nada Mais Maldito que um Amor Bonito*.

Antigo Egito

O Menino Rei (Editora Nemo), de Felipe Pan, Olavo Costa e Mariane Gusmão, fez sucesso entre os visitantes da CCXP! Quem passou pela mesa dos autores na Artists' Valley e no estande da Nemo pôde conferir de perto essa graphic novel incrível que leva o leitor para o Antigo Egito e conta a história do misterioso faraó Tutancâmon. Em uma jornada visual arrebatadora, os autores registram nas páginas de *O Menino Rei* o turbilhão de eventos que marcaram a 18ª dinastia egípcia em uma narrativa extremamente rica e profunda. Perfeita para celebrar o centenário do descobrimento do túmulo do faraó Tutancâmon. O reino de Kemet está em convulsão. Com as inúmeras transformações realizadas pelo faraó Akhenaten, os antigos deuses foram deixados de lado, cedendo lugar ao culto central de uma única divindade – o disco solar, Aten. Com a morte do faraó, no entanto, o destino de Kemet cai nas mãos de seu filho, o pequeno Tutankhaten. Agora, o jovem faraó terá de fazer uma difícil escolha: descartar o legado de seu pai ou desafiar as inúmeras forças que desejam arrancá-lo do posto mais poderoso do mundo. Felipe Pan é romancista e escritor de histórias em quadrinhos**.** Olavo Costa é quadrinhista e ilustrador. Mariane Gusmão atua como colorista de histórias em quadrinhos desde 2016, mas também desenha e faz *pixel art*.



Clarice filosófica

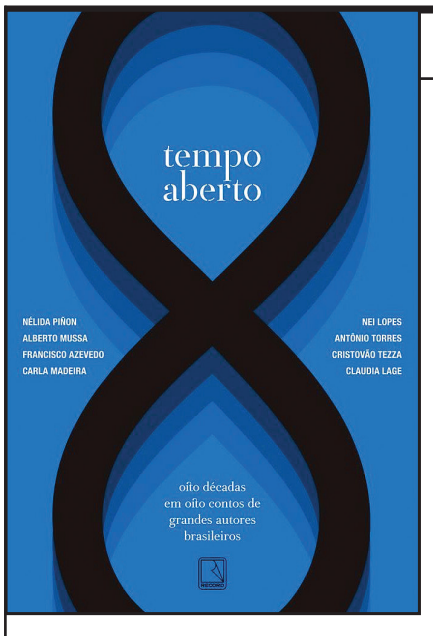
Muito se fala sobre os enigmas contidos na obra da escritora Clarice Lispector (1920-1977), que trata em seus livros de todos os temas da literatura, da filosofia, da vida e da morte. Para muitos, Clarice é uma autora mística, às vezes cristã, às vezes budista ou bramânica, cabalista e macumbeira, cheia de bolas de cristal. Qualificar de "filosófico" um autor é, de certa forma, admitir que à literatura falta alguma coisa, incluindo a própria capacidade da experiência do sentido que se chama pensamento. Marcia Schuback, no entanto, mostra como a obra de Clarice nos desvia dessas longas disputas da cultura entre filosofia e literatura, prosa e poesia, sentimento e razão, sensibilidade e intelecto, linguagem e realidade. "Ela nos devolve para a fonte de todas essas disputas, para um antes da filosofia que não é nem mito nem caos. Clarice nos devolve para o sendo, o gerúndio de ser, o sendo que já é pensamento e não o objeto de um desejo do pensamento. A sua obra "descortina" o sendo-pensamento 'atrás do pensamento'", explica a autora. "Se damos como subtítulo desse livro 'a filosofia de Clarice Lispector' não é de modo algum para buscar a legitimação da filosofia ou para extrair uma nova ou outra filosofia de sua obra. É somente para indicar que a experiência do sentido, isso que se chama pensamento, é o fio que me orienta no labirinto de seus textos", completa Marcia Schuback. *Atrás do Pensamento* (Editora Bazar do Tempo) é, portanto, um livro que mergulha de maneira inédita no fazer literário de Clarice Lispector.

Confinamento

Em seu novo livro *Você Não é Invisível* (Editora Objetiva), Lázaro Ramos escreve pela primeira vez para os jovens. Os irmãos Carlos e Vitória, mesmo vivendo num mundo repleto de maneiras de se comunicar, muitas vezes se sentem sozinhos, confusos e até mesmo invisíveis – mas os desafios encontrados, representarão importantes passos no fortalecimento de suas identidades. Esta é a história de uma família em quarentena. Carlos e Vitória são irmãos e moram com o pai, mas só o encontram no fim do dia. Muito diferentes um do outro, se expressam cada um a seu modo. Porém, possuem uma mesma motivação: entender seu lugar no mundo. Carlos vive trancado no quarto, gravando vídeos e áudios sobre si mesmo ou postando nas redes sociais. Já Vitória é mais do papel, escreve um diário e inventa contos de fadas num caderno antigo que era de sua mãe. Mesmo confinados, os irmãos vão trilhando seus caminhos com os recursos e instrumentos que possuem. Lázaro Ramos é ator, apresentador, diretor e escritor. Publicou diversos livros infantis, entre eles o *Caderno sem Rimas da Maria* (2018). Em 2017, lançou *Na minha Pele* (Objetiva), sua estreia na literatura adulta, que o consagrou como um dos escritores negros mais vendidos do país.

Ousadia

Um Pouco de Aventura (Editora Paralela), de Christina Lauren, é um romance ousado e divertido sobre sonhos, segundas chances e, claro, amor. Ser filha do famoso caçador de tesouros Duke Wilder deixou Lily sem paciência para essa profissão – e sem dinheiro no banco. Mas ela é sagaz e agora usa os mapas do pai para guiar turistas que buscam "deixar o conforto para trás" e caçar um tesouro de mentirinha no interior de Utah. Tudo vai bem até que o homem que ela amou um dia retorna à sua vida, pronto para explorar o deserto. Quando Leo Grady vê seu primeiro e único amor aparecer diante dele, pensa que pode ser uma miragem, apesar de mal ter saído da cidade. Mas Lily é real, e Leo está disposto a esquecer o passado e se reconectar com ela. Lily, entretanto, deixa bem claro que isso não vai acontecer. Porém, quando a viagem dá errado, o grupo é forçado a se perguntar se os mapas de Duke de fato indicam o caminho para um tesouro. Só Leo e Lily podem descobrir a verdade. Sozinhos sob as estrelas nos perigosos labirintos das Canyonlands, eles devem decidir se querem arriscar a vida e o coração para viver uma aventura inesquecível. Christina Lauren é o pseudônimo da dupla de maior sucesso na literatura, Christina Hobbs e Lauren Billings. Melhores amigas de longa data, já escreveram juntas mais de uma dezena de livros que se tornaram best-sellers.



80 anos

Tempo Aberto reúne oito contos, um para cada década dos últimos oitenta anos da vida brasileira, entre 1942 e 2022, em uma ampla galeria de personagens e temas que, de uma maneira ou de outra, representam a todos nós. Sob a luz muitas vezes indireta, mas penetrante, da ficção, as questões individuais, sociais, políticas e existenciais deste período histórico ressurgem aqui graças ao talento de Alberto Mussa, Nélida Piñon, Francisco Azevedo, Antônio Torres, Carla Madeira, Nei Lopes, Claudia Lage e Cristovão Tezza. Neste grande painel da história recente do Brasil, alguns temas importantes se destacam: a já tradicional violência de nossas cidades, com um toque de sobrenatural; o papel das mulheres na sociedade; a oposição ditadura x contracultura, no Brasil e no mundo; o alcance do regime militar nos sertões do país; o despertar da juventude no período da redemocratização; a força da cultura popular às vésperas da revolução digital; as pressões cotidianas do mundo contemporâneo; e, por fim, a volta da extrema direita ao poder. *Tempo Aberto: Oito décadas em oito contos de grandes autores brasileiros*, organizado em comemoração aos 80 anos da Editora Record, é uma bela oportunidade de se percorrer a história do país por meio da literatura.

Cinzas no mundo

Por José Carlos Gentili*

Os semitons são as expressões do esmaecimento das realidades das cores.

O mundo acinzentado é uma degenerescência da miscelânea da cor branca e da ausência da luz (cor negra), raízes únicas da cerebração, frente ao universo da visão humana.

Eis o princípio solar, a polarizar as noites e os dias. A visão é a rainha dos sentidos, a perscrutar os céus estelares, milenarmente, à busca de nossas origens.

A origem das cores e a criação do espectro colorido, visível e invisível, tem início, meio e, um fim, dito infinito!

Sir Isaac Newton (1642-1727), em Cambridge-UK, observou que um raio do sol ao atravessar um prisma é decomposto em cores. Esse genial cientista publicou sua teoria sobre as cores na Royal Society chamada *Philosophical Transactions of the Royal Society of London.*

A Humanidade deve a Sir Isaac Newton inusitados avanços da gnose, que ainda não aprendeu ser o roxo a cor do PODER, a tonalidade usada pelos cardeais da Igreja Católica, Apostólica, Romana.

A cor roxa (púrpura ou violeta) significa a transmutação.

É a cor da sabedoria, da espiritualidade, do mistério divino, afirma a Igreja!

Recentemente, por falar em britânicos ilustres, o Brasil concedeu um galardão.

A Câmara dos Deputados concedeu, ao hepta campeão mundial da Fórmula 1, o título de cidadão brasileiro, com inteira justiça, vez que o Brasil é a maior nação negra do mundo, depois da Nigéria.

Homenagem a esse às britânico do automobilismo, que representa, indiretamente, o ápice da indústria de veículos no mundo, responsável pela queima de combustíveis fósseis no orbe, por 1,4 mil milhões de carros registrados, aproximadamente, a jorrarem toneladas e toneladas de dióxido de carbono na atmosfera, conforme afirmam os responsáveis pelos Protocolos de Kioto e Paris.

Veiculam as estatísticas que, anualmente, são produzidos mais de 83 milhões de veículos.

Ambientalistas propalam a construção de veículos movidos a eletricidade em substituição aos carros, que utilizam produtos fósseis, "esquecendo-se" que esses automóveis utilizam baterias de lítio, mineral cuja exploração em larga escala gera enormes danos ao meio ambiente, conforme repudia a organização *Friends of the Earth International* (FoEI).

Afinal, seremos cinzas?

A cor cinza representa o fruto das queimadas em Portugal, na Espanha, na França, nos Estados Unidos, na África, na continentalidade brasileira, especialmente na Europa e no continente africano, a devastarem as matas.

Os europeus, tão ciosos da preservação ambiental atual, são os únicos responsáveis pela erradicação do mogno, do pau-brasil, da extração madeireira em geral, séculos, após séculos.

As cinzas e os desmatamentos têm (i)responsáveis universais.

A cor cinza é degenerescência da cor negra ao receber a pigmentação da cor branca e vice-versa.

*José Carlos Gentili é jornalista.

palavras **sem fronteiras**

literatura **livre**

Ensaios sobre ficções de culturas que formaram o Brasil

Ricardo Giassetti e Renato Roschel (orgs.)

Ensaios refletem sobre os contextos, as traduções e as interpretações das ficções estrangeiras disponibilizadas gratuitamente na internet por meio do projeto Literatura Livre, uma parceria entre Instituto Mojo e Sesc São Paulo.

leia em **sescsp.org.br/literaturalivre**

As roupas fazem as pessoas (1874) Gottfried Keller **Contos de crianças chinesas e Sra. Fragância Primaveril (1912)** Sui Sin Far **Contos folclóricos africanos – Vol. 1 e 2 (1901-1012)** Elphinstone Dayrell, George W. Bateman e Robert Hamill Nassau **Contos sardos (1894)** Grazia Deledda **Coração das trevas (1899)** Joseph Conrad **Crônicas do Japão (720)** Ō-No-Yassumaro e Príncipe Toneri **El Zarco (1901)** Ignacio Manuel Altamiro **Histórias do Tio Karel (1914)** Sanni Metelerkamp **O Leviatã (1938)** Joseph Roth **Os miseráveis (868)** Aljâhiz **Pássaros sem ninho (1889)** Clorinda Matto de Turner **Viagens de Gulliver (1726)** Jonathan Swift

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc